UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ANNELISE GOMES DE CARVALHO

O 9 DE ABRIL DE 1948
Tragédia política e motim urbano na Colômbia

(Versão corrigida)

São Paulo
2017

ANNELISE GOMES DE CARVALHO

O 9 DE ABRIL DE 1948

**Tragédia política e motim urbano na Colômbia
(Versão corrigida)**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre**

Área de concentração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato

**São Paulo
2017**

Nome: CARVALHO, Annelise Gomes de

Título: O 9 DE ABRIL DE 1948: Tragédia política e motim urbano na Colômbia

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, Elisa e Paulo César, que sempre estiveram presentes;

À Maria Laura, que trouxe tanta alegria;

Ao Diogo, que chegou no momento certo.

AGRADECIMENTOS

Embora a pesquisa acadêmica seja um trabalho bastante solitário, ela nunca é feita totalmente só. A trajetória desse trabalho foi repleta de momentos difíceis que só foram superados com o apoio de inúmeras pessoas, as quais agradeço imensamente.

Primeiramente, agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato, que, para além de grande mestra, foi fonte de inspiração e incentivo. Sou muito grata pela generosidade, pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho de sempre.

Às Profas. Dras. Maria Lígia Coelho Prado e Gabriela Pellegrino Soares que formaram minha banca de qualificação. Agradeço pela valiosa leitura, que deu novo rumo à pesquisa e que, sem dúvida, foi essencial para a conclusão do trabalho. E à Profa. Dra. Stella Vilardaga, cuja realização da disciplina foi fundamental para a análise de parte das fontes.

À querida Profa. Dra. Mary Anne Junqueira que esteve presente desde a Graduação e que sempre foi uma grande referência.

Não poderia deixar de agradecer à Hemeroteca da Biblioteca Luis Àngel Arango, de Bogotá e ao Arquivo Público do Estado de São Paulo pela possibilidade de pesquisa e aquisição das fontes que compõe esse trabalho. E à Capes pelos meses de bolsa concedidos.

Ao grupo de orientandos da professora Maria Helena e aos colegas do LEHA (Laboratório de estudos de História das Américas) pelos valiosos momentos de troca e de aprendizado.

Aos companheiros de jornada e também amigos Alexsandro Silva, Ulisses Alves, Rodolpho Guathier, Maria Antônia Martins, Carine Dalmás, Valdir Santos e Aura Hurtado que, para além de inúmeros auxílios com relação aos aspectos burocráticos e acadêmicos, tornaram essa caminhada mais leve e divertida.

Ao querido amigo Caio de Souza Gomes que sempre esteve presente e cuja amizade e apoio foram fundamentais em todos os momentos desse trabalho.

Aos amigos Carolina, Giuliana, Victor, Ezequiel, Thiago, Letícia, Carla, Ludmila e Tereza com os quais pude contar nos momentos de angústia e de alegria.

Às amigas mineiras Priscila, Rosane, Luciana e Kátia que estão presentes desde a infância.

Aos meus pais Elisa e Paulo César e às minhas irmãs Larissa e Paula que sempre me apoiaram e que são a parte mais importante da minha vida.

À minha pequena sobrinha Maria Laura com quem aprendo algo novo todos os dias.

Por fim, ao Diogo pela companhia e paciência nos momentos finais da escrita desse trabalho. Sou grata pelo apoio, pela leitura e tradução do texto e, principalmente, pelo amor.

“O narrador conta o que ele extrai da experiência – própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.”

Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*.

“Nessa situação tão estranha, e em pleno sol, creio ter tomado consciência de que naquele 9 de abril de 1948 o século XX tinha começado na Colômbia.”

Gabriel García Márquez, *Viver para contar*.

RESUMO

CARVALHO, Annelise Gomes de. **O 9 DE ABRIL DE 1948: Tragédia política e motim urbano na Colômbia**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Essa pesquisa tem como objeto o assassinato do político liberal colombiano Jorge Eliécer Gaitán, em Bogotá, no dia 9 de abril de 1948, e a consequente violenta reação popular na capital, que ficou conhecida como *Bogotazo*. Esse trágico acontecimento marcou o século XX colombiano e teve consequências políticas e sociais imediatas e de longa duração no país. O episódio é considerado o ponto inicial do acirramento de período de violência política que tem repercussões ainda visíveis na atualidade, a chamada *La Violencia* (1946-1957). Nesse sentido, sob a perspectiva da Nova História Política e da História Cultural, tendo como fontes os principais jornais colombianos e brasileiros época; o discurso político *Oración por la paz*, de Jorge Eliécer Gaitán; a entrevista de Fidel Castro sobre o Bogotazo e a obra literária *Viver para contar*, de Gabriel García Márquez, procuramos analisar o *Bogotazo* a fim de compreender quatro importantes componentes: o papel do personagem, Jorge Eliécer Gaitán; a natureza do motim; a memória coletiva construída sobre o episódio e o significado simbólico da data.

Palavras-chave: América Latina; Colômbia; Jorge Eliécer Gaitán; *Bogotazo*.

ABSTRACT

CARVALHO, Annelise Gomes de. **April 9th of 1948: Political tragedy and urban riot in Colombia**. 2017. Master Thesis – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This research aims at the assassination of Colombian liberal politician Jorge Eliécer Gaitán in Bogota on April 9, 1948, and the consequent violent popular reaction in the capital, known as *Bogotazo*. This tragic event marked the Colombian 20th century and had immediate and long-term political and social consequences in the country. The episode is considered the starting point of the intensification of a period of political violence that has repercussions still visible today, called *La Violencia* (1946-1957). In this sense, from the perspective of New Political History and Cultural History, having as sources the main Colombian and Brazilian newspapers of the time, we tried to analyze the *Bogotazo* in order to understand four important components: the role of its main character, Jorge Eliécer Gaitán; the nature of the riot – the *Bogotazo*; the collective memory built on the episode and the symbolic meaning of the date.

Key-words: Latin America; Colombia; Jorge Eliécer Gaitán; *Bogotazo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO 1

JORGE ELIÉCER GAITÁN: *Yo no soy un hombre soy un Pueblo*

1.1. Quem foi Jorge Eliécer Gaitán	19
1.2. Colômbia: características peculiares da sua história	23
1.2.1. A IX Conferência Pan-americana	27
1.3. Discursos políticos registrados na memória histórica	30
1.3.1. <i>Oración por la paz</i> , de Jorge Eliécer Gaitán	31
1.4. Representações imagéticas: Caricaturas de Gaitán (1947-1948)	36

CAPÍTULO 2

9 DE ABRIL DE 1948: ESTOPIM DE PAIXÕES POLÍTICAS

2.1. Violência e paixões políticas	46
2.2. O <i>Bogotazo</i>	48
2.3. O papel da mídia nos acontecimentos traumáticos: do estímulo à exacerbação das emoções à vítima da violência	52
2.3.1 O 9 de abril de 1948 na grande imprensa colombiana	54
2.3.2 Repercussão do <i>Bogotazo</i> no Brasil: as duas vertentes de interpretação sobre o episódio	61

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E MEMÓRIAS DO 9 DE ABRIL DE 1948

3.1. Os impactos imediatos do episódio traumático na Colômbia	77
3.2. Memórias do episódio	81
3.2.1. Fidel Castro: memórias de um líder político	83
3.2.2. Gabriel García Márquez: memórias de um escritor	90

3.3. O 9 de abril de 1948 como “data símbolo” da nacionalidade colombiana	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REGISTROS FOTOGRÁFICOS	102
FONTES	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXOS	
1. <i>Oración por la Paz</i>	121
2. <i>Oración por los humildes</i>	124

INTRODUÇÃO

¡Mataron a Gaitán! ¡Mataron a Gaitán! En la tarde del 9 de abril de 1948, esas tres palabras fueron una afirmación para muchos, un dolor, una expresión espontánea con la cual buscaban con desespero llegarles a otros, tocarlos, decirles que *¡Mataron a Gaitán!*, que esa muerte la sentían todos, que era de todos, que era contra todos, tres palabras que salían sin pensarlas de los pulmones para no sentir a solas esa agonía, para convertirse en algo grande, colectivo, una multitud.¹

A citação acima se refere à espontânea e violenta reação popular diante de um acontecimento trágico e muito significativo do ponto de vista político e social: o assassinato do político liberal colombiano Jorge Eliécer Gaitán, em Bogotá, no dia 9 de abril de 1948. Conforme veremos, tal acontecimento teve consequências políticas e sociais imediatas e de longa duração na Colômbia e será o objeto de análise desse trabalho.

O interesse pelo tema surgiu em 2008 – ano em que o assassinato de Gaitán e o *Bogotazo* completaram 60 anos – quando, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Capelato, desenvolvemos uma pesquisa de Iniciação Científica, concluída em 2010. A pesquisa teve como objetivo entender como o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán e o *Bogotazo* foram noticiados pela grande imprensa paulista e a sua relação com o acirramento do sentimento anticomunista no Brasil, durante o governo do Presidente Dutra, em 1948². A partir dessa pesquisa surgiu a possibilidade de continuar a desenvolver o tema num trabalho de mestrado com o objetivo de refletir sobre a força simbólica e política do 9 de abril de 1948 colombiano e as memórias do acontecimento.

¹ BRAUN, Herbert. *Mataron a Gaitán: Vida pública e y violencia urbana em Colombia*. Bogotá: Distribuidora y editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A., 2008. p. 11.

²CARVALHO, Annelise Gomes de. *9 de abril de 1948 colombiano: O Bogotazo na imprensa brasileira e sua relação com o anticomunismo no Brasil*. 2010. Iniciação Científica. Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orientador: Maria Helena Rolim Capelato.

Em meados do século XX, Jorge Eliécer Gaitán destacava-se no cenário político colombiano como uma proeminente figura pública com grande popularidade. Como consequência imediata, seu assassinato provocou um motim urbano, marcado por extrema violência, que perdurou por três dias na capital, destruindo o centro de Bogotá. O episódio ficou conhecido como *Bogotazo* e, ainda hoje, é tema de investigação histórica.

Além do *Bogotazo*, a morte trágica de Gaitán serviu de “estopim” para revoltas populares nas províncias no interior do país, que expressaram não apenas indignação em relação à perda do líder, mas também as tensões políticas e sociais pré-existentes. Nesse sentido, o episódio é considerado, por estudiosos do período, o ponto inicial do acirramento de um processo de violência que marcou profundamente a história da Colômbia – a chamada *La Violencia* (1946-1957) – que tem repercussões ainda visíveis na atualidade.

Nesse trabalho, sob a perspectiva da Nova História Política, procuramos analisar o episódio colombiano do 9 de abril 1948 com o intuito de compreender o significado político das reações populares frente à morte do líder, as consequências das revoltas e as memórias que foram construídas sobre o episódio e sobre o seu protagonista, Jorge Eliécer Gaitán.

A pesquisa se insere ainda no campo da História Cultural, mais especificamente na linha da História das Representações e dos Imaginários sociais. As referências teórico-metodológicas relacionadas ao estudo das Representações e Imaginários sociais fundamentam a análise sobre a imagem do líder político, sobre a simbologia que envolve sua morte trágica, sobre os significados do 9 de abril de 1948, sobre o motim urbano decorrente do assassinato – o *Bogotazo* – e sobre as memórias construídas em torno do episódio.

Formulado no final do século XX, os conceitos de Representação e de Imaginário Social têm sido amplamente discutido em várias áreas do conhecimento. Bronislaw Baczko define Imaginário social como o elemento que orienta a vida social como um todo: ditando suas regras, práticas e valores e mobilizando os afetos, as emoções e os desejos. Eles são, portanto, reguladores da vida em sociedade e instrumentos de dominação simbólica que contribuem

para a legitimação do poder, para a construção das identidades nacionais e das memórias coletivas³.

Ainda no que se refere aos Imaginários sociais, a obra *Mitos e mitologias políticas*, de Raoul Girardet ⁴, é fundamental para a análise sobre a transformação Gaitán em mito. No mesmo caminho, a obra *A fabricação do rei*, de Peter Burke⁵ sobre a construção da imagem de Luis XIV também é relevante para a análise da construção das imagens mitológica de grandes personalidades políticas, como Gaitán.

O autor interpreta o significado das imagens do rei a partir da análise de pinturas, moedas, gravuras, peças teatrais, óperas e balés nas quais ele é representado, demonstrando como a figura do monarca – representação do poder no imaginário coletivo – é construída por meio de signos materiais e imateriais. Ressalta-se que a construção da imagem de lideranças políticas carismáticas constitui-se como um importante instrumento de dominação das massas, uma vez que a linguagem visual/imagética tem maior poder de fixação no imaginário coletivo e é mais facilmente incorporada.

Cabe ainda mencionar duas importantes obras de historiadores brasileiros que analisaram os imaginários sociais produzidos durante o Estado Novo varguista e que também são referências para o trabalho: *Multidões em Cena: Propaganda política no varguismo e peronismo*, de Maria Helena R. Capelato⁶ e *A Sacralização da Política*, de Alcir Lenharo⁷.

Com base em tais preceitos teóricos, buscou-se com essa pesquisa, compreender quatro importantes componentes: o papel do personagem, Jorge Eliécer Gaitán; a natureza do motim, o *Bogotazo*; a memória coletiva construída sobre o líder e sua morte e o significado simbólico da data, o 9 de abril de 1948. Nesse sentido, o trabalho busca:

- Mostrar as consequências do *Bogotazo* que, segundo autores estudiosos do tema da violência, acirrou o fenômeno social chamado de *La violencia*,

³ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

⁵ BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A Construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

⁶ CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena: Propaganda política no varguismo e peronismo*. 2ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

⁷ Lenharo, Alcir. *A Sacralização da Política*. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

um período de intensa violência política e social na Colômbia, que perdurou de 1946 a 1957.

- Refletir sobre os impactos do episódio, procurando mostrar de que forma as lutas políticas entre membros do Partido Conservador e Partido Liberal, que caracterizaram a história da Colômbia até esse momento, tornaram-se mais abrangentes devido à emergência de novos grupos políticos e sociais com expectativas e demandas distintas das anteriores, tornando mais complexas e acirradas as disputas internas constantemente marcadas por violência.
- Analisar a transformação de Gaitán em uma figura mítica e do 9 de abril de 1948 numa data símbolo que dividiu, negativamente, a história da Colômbia em um antes e um depois.

Com relação às fontes, utilizamos, principalmente, a imprensa escrita. Além de objetos importantes para a análise histórica, os veículos de comunicação se constituem importantes fontes para a compreensão do passado. Através delas poderemos analisar como foi construída a imagem do líder, especialmente por meio de caricaturas sobre Gaitán veiculadas antes de sua morte e pela forma pela qual foi noticiado e comentado o motim decorrente de seu assassinato.

Em pesquisa na hemeroteca da *Biblioteca Luis Ángel Arango*, órgão mantido pelo Estado colombiano, foi possível ter acesso aos principais periódicos colombianos em circulação em 1948. Foram selecionadas e fotocopiadas as edições de março a abril de 1948 dos jornais *El Siglo*, *El Tiempo* e *La Pátria*. A viagem foi importante também para adquirir obras recentes da historiografia colombiana sobre o tema.

Ressalta-se, ainda, que a visita a capital colombiana possibilitou conhecer o centro histórico de Bogotá, que foi o cenário do assassinato de Gaitán e do *Bogotazo*. No local em que ocorreu o assassinato, na Carreira Sétima, está localizado atualmente o Teatro Jorge Eliécer Gaitán, em homenagem ao político. Além disso, foi possível perceber a presença marcante de Gaitán e do *Bogotazo* na memória do povo colombiano,

Também são utilizados como fontes, a transcrição de um dos discursos de Gaitán: *Oración por la paz*, que permite compreender melhor a atuação política do personagem e a sua força retórica. E, por fim, para verificar a construção da

memória do episódio, utilizamos como fontes: a entrevista concedida por Fidel Castro ao jornalista colombiano Arturo Alape, em 1981, sobre sua participação no acontecimento e a obra literária *Viver para Contar*, de Gabriel García Márquez, mais especificamente, o relato da experiência pessoal do autor no 9 de abril de 1948.

O presente trabalho compõe-se de 3 capítulos. No Capítulo 1, procuramos apresentar o personagem da história que nos propusemos analisar: Jorge Eliécer Gaitán. A trajetória desse político será descrita levando em conta algumas características históricas da Colômbia e do contexto em que o personagem estava inserido no momento de sua morte prematura. Cabe salientar que foi dado maior espaço ao panorama histórico da Colômbia nas décadas de 1930 e 1940, por ser o período de maior atuação política de Gaitán. Ainda no Capítulo 1, a fim de compreender a força política e popular de Gaitán, analisamos um de seus maiores discursos, a *Oración por la paz*, pronunciado no dia 07 de fevereiro de 1948, dois meses antes de seu assassinato, na *Manifestación del Silencio* contra o governo Conservador de Ospina Perez. Por fim, finalizando o primeiro capítulo, procuramos entender as representações imagéticas do líder assassinado, por meio da análise de caricaturas veiculadas em um dos principais periódicos colombianos, o jornal conservador *El Siglo*, no período de 1947 a 1948.

No Capítulo 2, procuramos apresentar o episódio desencadeador da crise que se segue: o assassinato de Gaitán e o consequente motim urbano, o *Bogotazo*.

A morte de Gaitán é encarada como o estopim de paixões políticas e do acirramento do maior período de violência político-partidária vivenciado pela Colômbia no século XX, chamado de *La Violencia*.

Por meio das fontes – periódicos colombianos da época (jornais *El Tiempo* e *La Patria*) – procuramos mostrar o papel da mídia no episódio e sua importância no cenário político que se segue. É importante salientar que a imprensa foi tratada aqui como importante meio de formação de opinião pública.

O papel “pedagógico” da imprensa é algo muito evidente e, nesse sentido, cabe uma interpretação de sua posição ideológica que é essencialmente política e mobilizadora. O jornal, mais do que um simples meio de comunicação, exerce um poder de intervenção na vida social e política de um país, sua ação sempre esta voltada para a defesa de interesses e pode ser usado como ferramenta política e social. Analisamos, por fim, a repercussão do *Bogotazo* na grande imprensa paulista (jornais *A Gazeta*, *O Estado de São Paulo* e revista *O Cruzeiro*) a fim de perceber as duas versões do ocorrido e de que forma o episódio colombiano foi utilizado como arma ideológica anticomunista no Brasil, durante o governo Dutra.

Finalmente, no Capítulo 3, procuramos analisar os impactos imediatos do “episódio traumático” na Colômbia e as memórias do acontecimento. Com relação às memórias do *Bogotazo*, analisamos dois relatos de duas importantes personagens que vivenciaram os fatos: Gabriel García Márquez e Fidel Castro. Por fim, procuramos compreender como o 9 de abril de 1948 entrou para a memória nacional colombiana e como o episódio foi apropriado como data símbolo.

CAPÍTULO 1

JORGE ELIÉCER GAITÁN: *Yo no soy un hombre soy un Pueblo*

De Gaitán se puede afirmar sin temores que fue un trabajador para su pueblo, y que su pueblo, como lo llamaba, se identificaba con él. Fue un fenómeno especial de mutua aceptación y estímulo recíproco. La biografía de Gaitán es exaltable en su acción constante, reflejada en su pensamiento y sus actos, los cuales fueron basicamente centrados hacia la actividad pública, que eclipsó y puso en segundo plano su vida privada y profesional como notable penalista. Es el caso de una absoluta entrega a los ideales en forma de pasión sin intermitencias.⁸

⁸ VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán: Antología de su pensamiento social y económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. p. 10.

1.1. Quem foi Jorge Eliécer Gaitán

Jorge Eliécer Gaitán foi uma figura pública com grande relevância no cenário político e social da Colômbia de meados do século XX. Projetou-se no cenário político nacional colombiano, amparado por uma rede de aliados ligados ao Partido Liberal, como um líder que correspondia aos anseios, desejos e sentimentos dos setores populares da sociedade. A sua trágica e inesperada morte, em 9 de abril de 1948, contribuiu para a transformação de sua imagem política de líder popular em mito nacional. Sua história de vida e a sua morte o transformaram em símbolo de um imaginário coletivo que continua sendo, constantemente, reativado pela memória nacional colombiana.

Interrompida precocemente, a vida de Gaitán foi pautada por uma intensa atuação política e constante preocupação com as questões sociais da Colômbia. Ao longo de sua trajetória, destacou-se pelo combate à violência político-partidária e ao monopólio da terra, pela defesa da reforma agrária e apoio às causas sociais, razão pela qual conquistou a simpatia do campesinato, dos trabalhadores, dos estudantes e da ala mais progressista do Partido Liberal que foi chamada de *gaitanista*. Entretanto, pelas mesmas razões, era hostilizado pela ala conservadora de seu partido e por seus opositores do Partido Conservador.

Gaitán nasceu em Bogotá, no dia 23 de janeiro de 1898. Seu pai, Eliécer Gaitán, era um homem culto, politicamente ligado ao Partido Liberal, que ganhava a vida com um modesto sebo. Sua mãe, Manuela Ayala de Gaitán, era professora primária e se destacou por suas ideias progressistas.⁹

Em 1920, Gaitán ingressou no curso superior de Direito e Ciências Políticas na Universidad Nacional de Colômbia. Formou-se em 1924 e completou seus estudos de Direito na Real Universidade de Roma, em 1927. Fez carreira universitária, foi professor de Direito penal da Universidad Nacional de Colombia e chegou a assumir o cargo de reitor da Universidad Libre, em 1931. Porém, teve

⁹ Na obra *Mataron a Gaitán: Vida pública e y violencia urbana em Colombia* o historiador Herbert Braun faz um extenso levantamento biográfico de Gaitán, explorando diversos aspectos de sua vida e trajetória política, apresentando as várias facetas do líder. Realiza, também, um interessante trabalho de análise da imagem postural e étnica de Gaitán. Cf.: BRAUN, Herbert. *Mataron a Gaitán: Vida pública e y violencia urbana em Colombia*. Bogotá: Distribuidora y editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A., 2008.

maior destaque no campo da política, onde exerceu cargos nos poderes legislativo e executivo.

Em 1928, foi eleito deputado (*Representante de la Cámara*). O cargo lhe rendeu o título de “Tribuno del pueblo”, em reconhecimento ao seu trabalho em defesa do campesinato e dos trabalhadores urbanos e contra a hegemonia política dos membros do Partido Conservador, a corrupção administrativa e o imperialismo norte-americano na Colômbia. Como parlamentar, em 1930, apresentou um projeto de reforma constitucional, de forte teor popular com viés socialista, no qual defendia a função social da propriedade, um Estado protecionista e uma reforma agrária, educacional e o desenvolvimento industrial. Algumas dessas propostas, embora modificadas em seu caráter socialista, foram incorporadas à Constituição na reforma de 1936.

Em 1931, foi eleito presidente da Câmara dos Representantes e, em 1932, assumiu a presidência do Partido Liberal. O partido acabou dividido após Gaitán lançar, com apoio de uma ala mais progressista, denominada gaitanista, um documento político intitulado *Manifiesto de las Izquierdas*, de conteúdo socialista. Em 1933, organizou um movimento político socialista, chamado Unión Izquierdista Revolucionária (UNIR) e fundou o jornal *Unirismo*, no qual publicou alguns artigos com os pseudônimos: Cástulo Mendía e Augusto Leonardi. O movimento UNIR acabou sendo dissolvido por Gaitán em 1935, devido às dissidências internas e a errônea percepção de alguns membros de que o partido conseguiria manter sua independência sem precisar estabelecer alianças.

Ressalta-se que por conta de suas ideias de cunho socialista, Gaitán era muito atacado pela imprensa conservadora, como o jornal de circulação nacional *El Tiempo*.

Foi prefeito de Bogotá de junho de 1936 a fevereiro de 1937. Em sua gestão, propôs, entre outras medidas administrativas, reformas na educação, na assistência social e a municipalização dos serviços públicos. Acabou sendo destituído do cargo, após uma polêmica com os motoristas de ônibus e taxi da cidade: Gaitán assinou um decreto que obrigava os motoristas a usarem uniformes, tal medida dividiu opiniões e causou grande discussão que culminou com sua deposição, em 1937.

Em 1940, durante o governo de Eduardo Santos, foi nomeado Ministro da Educação. Renunciou ao cargo após seu projeto de reforma integral da

educação ser negado pelo Parlamento e, em 1941, foi eleito Senador. Já em 1943, foi nomeado Ministro do Trabalho, sob o governo de Darío Echandía e, novamente, renunciou ao cargo após suas propostas de reforma à legislação trabalhista serem rechaçadas pelo Parlamento.

Em 1944, lançou-se como candidato a presidência da república nas eleições presidenciais de 1945, porém, foi derrotado por Mariano Ospina Pérez, um conservador de centro, que governou de 1945-1950.

Sobre sua candidatura, em 1944, o editorial do jornal *La Razón* pertencente a ala ultradireita do Partido Liberal, fez o seguinte apontamento:

Con Gaitán en el poder, la vida nacional daría un vuelco. No voy a opinar si para mejor o para peor; pero es evidente que Gaitán es el único candidato que promete, y que lleva implícito en su vida y en sus ideas y en sus compromisos, un cambio de frente radical en la vida colombiana. La revolución del condescendiente banquero señor López sería agua de azúcar, en relación con la revolución que desataría Gaitán. De la vida colombiana que hemos vivido, de la buena y la mala, pero que, por ser nuestra, hemos amado, no quedaría piedra sobre piedra. Gaitán es el único temperamento revolucionario que existe en el país; tiene una dinámica precipitada; y posee coraje suficiente para ir a fondo. Contaría, por otra parte, para su revolución con la voluntad unánime del pueblo.¹⁰

Já em 1947, candidatou-se ao Senado e, uma vez eleito, foi indicado para o cargo de Chefe único do Partido Liberal. Apresentou ao Congresso o “*Plan Gaitán*”, um programa de reformas econômicas, que previa a criação da Corporación Colombiana de Crédito, Fomento y Ahorro e reorganizava o Banco de la República. Nesse momento, a popularidade de Gaitán estava em seu auge.

11

Em fevereiro de 1948, Gaitán organizou a *Manifestación del Silencio*, uma passeata contra a violência política, que reuniu cerca de duzentas mil pessoas

¹⁰ Citado por CORDELL J. Robinson. El movimiento Gaitanista em Colombia. Bogotá: Tercer Mundo. 1976. p. 148.

¹¹ Para ter acesso ao *Plan Gaitán* na íntegra, consultar: VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán: Antología de su pensamiento social y económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. p. 241.

que caminharam em total silêncio e ouviram ser discurso *Oración por la paz*, na Praça Bolívar, em Bogotá. Dois meses depois, no dia 9 de abril de 1948, foi assassinado, pondo fim à esperança de muitos colombianos de que fosse eleito à Presidência da República nas eleições de 1950 e, após a vitória, verem concretizadas as reformas sociais e políticas que defendia.

Como visto, Gaitán teve uma vida política de curta duração e, embora tenha assumido importantes cargos públicos nos poderes Legislativo (foi Representante da Câmara, em 1928 e Senador, em 1947) e Executivo (foi prefeito de Bogotá, em 1936), não chegou ao topo da carreira política, como Presidente da República, frustrando as expectativas de seus correligionários.

A íntima relação estabelecida entre líder e população, explica, em parte, a violenta reação que se sucedeu a sua inesperada morte. Muitos receberam a notícia de seu assassinato com um sentimento de enorme frustração e revolta: o resultado foi a resposta a morte do líder com extrema violência. No entanto, a compreensão do *Bogotazo* só é possível se levarmos em conta os componentes da história colombiana, sobretudo, o significado dos conflitos políticos da década de 1940 e a atuação de Gaitán nesse contexto.

1.2 Colômbia: características peculiares da sua história

A história da Colômbia é marcada pela guerra de facções e pela violência político-partidária desde o século XIX. Na segunda metade desse século, ocorreram quatro guerras civis nacionais (1876-1877; 1885-1886; 1895 e 1899-1902) que deixaram marcas profundas na consolidação do Estado nacional. A última delas, conhecida por Guerra dos Mil Dias, foi a mais prolongada e devastadora. Segundo a historiografia colombiana, as guerras explicam uma das características importantes da política nacional até a primeira metade do século XX: o bipartidarismo marcado por violenta rivalidade entre o Partido Conservador e o Partido Liberal.

No decorrer do século XX, a economia da Colômbia caracterizou-se pelo crescimento da produção cafeeira. A partir de 1910, com uma população majoritariamente rural e um cenário de intensa desigualdade social, consolidou-se a chamada “Colômbia cafeeira”.¹² Primária e exportadora, essa economia propiciou crescimento do PIB que possibilitou a modernização do país no que se refere à infraestrutura urbana e aos meios de transportes, como o desenvolvimento das ferrovias, rodovias, hidrovias e portos.

No entanto, apesar das benesses do desenvolvimento econômico, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por conflitos de fronteira – especialmente da região Amazônica – e por conflitos entre trabalhadores e empresários norte americanos na chamada zona bananeira, na região de Santa Marta. Já nesse período, os norte-americanos marcaram presença na economia, foram responsáveis por conflitos sociais e interferiram na política interna do país.¹³

Vale lembrar que, em 1928, a greve dos trabalhadores da multinacional *United Fruit* (UFCO) culminou com o famoso Massacre de las bananeras promovido pelo exército colombiano, em Ciénaga, no dia 05 de dezembro, que

¹² De acordo com os historiadores Marco Palacios e Frank Safford, a economia cafeeira colombiana passou por três fases: a ascensão de 1910 a 1940; a estagnação de 1940 a 1975 e a reativação de 1975 a 1994. Cf.: PALACIOS, Marco e SAFFORD, Frank. *Colômbia: país fragmentado, sociedade dividida, su historia*. Bogotá: Editorial Norma, 2002. p. 506.

¹³ Observa-se que a interferência dos EUA na Colômbia foi decisiva para o surgimento do Panamá, antigo território colombiano, como nação controlada pelo “irmão do norte”, que marcou presença na exploração do petróleo e na cultura bananeira.

exterminou os trabalhadores grevistas¹⁴. Segundo Palácios e Stranford, as ações do exército, aliado com os proprietários nacionais e estrangeiros, provocaram a submissão dos grevistas considerados inimigos da população e acusados de cumplicidade.¹⁵

Foi nesse contexto de violência contra os trabalhadores, marcada pela ação do exército colombiano na zona bananeira, que ganhou destaque a figura política de Jorge Eliécer Gaitán. Em 1929, ele participou de diversos debates sobre o assunto na Câmara dos Representantes, denunciando a violência que caracterizou o episódio.

Os conflitos na zona bananeira só terminaram por completo após uma praga que dizimou grande parte dos bananais da região entre 1939 e 1943. Esse desastre levou a UFCO a vender suas terras de Santa Marta e se transferir para a região de Urabá.

Com relação à realidade social, cabe esclarecer que, na primeira metade do século XX, a pobreza caracterizava a sociedade colombiana. A má distribuição de renda, um dos maiores problemas do país, resultava em forte desigualdade social e produzia um verdadeiro abismo entre os ricos e pobres: somente 3% dos proprietários de terra possuía a metade das terras produtivas no país.

O desenvolvimento econômico ocorrido nas últimas décadas resultante da economia cafeeira, bananeira e pela exploração de petróleo, contemplou apenas uma minoria de colombianos. Em 1938, a população urbana representava apenas 29% do total, a grande maioria vivia no campo trabalhando na agricultura de subsistência. Devido à má alimentação e precárias condições de existência, a expectativa de vida girava em torno dos 40 anos. Além disso, o país convivia com elevados índices de analfabetismo (mais de 50% da população era analfabeta) e mortalidade infantil, as moradias eram precárias e os serviços públicos ineficientes; faltava para maior parte da população condições mínimas de sobrevivência.

¹⁴O massacre entrou para a memória nacional colombiana e alcançou repercussão mundial ao ser romantizado na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, publicada pela primeira vez em 1967.

¹⁵PALACIOS, Marco e SAFFORD, Frank. *Colômbia: país fragmentado, sociedade dividida, sua história*. Bogotá: Editorial Norma, 2002. p. 524.

Cabe lembrar que a Colômbia não era exceção entre os países da América Latina. No entanto, no decorrer da sua história, houveram particularidades que permitem explicar o período que os autores denominam *La Violencia* (1946-1957). Procuraremos compreender algumas delas.

Na década de 1930, os países da América Latina enfrentaram muitas adversidades. A crise de 1929 teve grande impacto no Continente afetando não só a economia, mas também a sociedade e a política. O *New Deal*, política estabelecida pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, para enfrentar a crise, teve grande repercussão na América Latina.

Além das dificuldades enfrentadas no Continente americano, a década foi marcada por acontecimentos internacionais de extrema importância como a Guerra Civil Espanhola, o surgimento dos fascismos europeus e o comunismo soviético, experiências que deram origem a conflitos que acabaram resultando na Segunda Guerra Mundial. Ainda nesse contexto, emergiram programas políticos híbridos em países da América Latina, que permitiram o surgimento dos chamados Regimes Populistas, como o de Getúlio Vargas no Brasil, Juan Domingo Perón na Argentina e Lázaro Cárdenas no México, considerados modelos clássicos de populismo na América Latina.¹⁶

Foi nesse contexto mundial que surgiram, na Colômbia, fortes lideranças populares como o presidente Afonso López Pumajero (que governou de 1934 a 1938 e de 1942 a 1945) e Jorge Eliécer Gaitán.

Após meio século de prevalência do Partido Conservador à frente do governo, foram eleitos para presidência membros do Partido Liberal, que implantaram uma política de centro, a saber: Enrique Olaya (que governou de 1930 a 1934) e Eduardo Santos (que governou de 1938 a 1942). Por esse motivo, o período passou para a história com o nome de “República liberal”.

Conforme visto, em 1944, Gaitán lançou-se como candidato à presidência da república nas eleições presidenciais de 1945, pelo Partido Liberal. No entanto, foi derrotado por Mariano Ospina Perez, que governou de 1945 a 1950. Os

¹⁶ A definição desses regimes como populistas têm sido muito questionada pela historiografia mais recente. Um dos argumentos dessa contestação se refere ao fato de que eles se caracterizaram por aspectos comuns e diferenças significativas que se evidenciam a partir de análises comparadas. A respeito dessa questão consultar: CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

governos considerados “centristas” amenizaram as violentas disputas entre partido Liberal e Conservador, conforme explica Palácios e Safford:

Varias razones ayudan a explicar la alternancia pacífica del gobierno en 1930. Primero, la alianza de moderados de los dos partidos, que el nuevo presidente Olaya Herrera llamó la Concentración Nacional. Segundo, los conservadores dominaban el Congreso, los tribunales y los cuerpos legislativos regionales y locales esperaban superar la división interna y volver a la presidencia en cuatro años. Tercero, la Iglesia aceptó el resultado y, cuarto, desde 1910 el ejército, pese a sus preferencias conservadoras, era el policía electoral del país. En cumplimiento de tal función venía cerrando el paso al expediente de la guerra civil decimonónica, como quedó claramente demostrado en la pugnaz elección presidencial de 1922.¹⁷

Esses governos de centro foram criticados por Laureano Gómez e Jorge Gaitán, cujo assassinato deste último, em 1948, pôs fim a essa tendência centrista em decorrência do acirramento dos conflitos em um cenário político marcado por fortes disputas entre os membros dos dois partidos políticos proeminentes. Foi nesse contexto que teve início o período denominado, como já foi dito, *La Violencia*. Segundo Forrest Hylton essa:

[...] foi uma época que misturou terror oficial, sectarismo partidário e políticas de terra arrasada que resultaram da confluência da crise da república cafeeira, da debilidade do Estado central e da concorrência pelos direitos de propriedade, principalmente no eixo do café. Esse período se distinguiu pelo “terror concentrado”, utilizado para suprimir as políticas populares radicais e canalizar os crescentes conflitos raciais, étnicos e de classe entre as vias do bipartidarismo. A violência política, que sempre foi elemento básico nas regiões e municipalidades, foi desencadeada pela primeira vez em nível

¹⁷ PALACIOS, Marco e SAFFORD, Frank. *Colombia: país fragmentado, sociedade dividida, su historia*. Bogotá: Editorial Norma, 2002. p. 537.

nacional contra as insurreições gaitanistas que irromperam na capital, nas cidades e aldeias provinciais de todo o país, depois que Gaitán foi assassinado em 1948. As juntas gaitanistas encarnavam, para a autoridade do governo central e, mais ainda, do governo regional – assim como para as hierarquias raciais e os direitos de propriedade – uma ameaça fundamental, que nos deixa ver a magnitude do revés sofrido pelas forças nacionais populares incipientes.¹⁸

1.2.1 A IX Conferência Pan-americana

Em março de 1946, Wilson Churchill afirmou que havia caído uma “cortina de ferro” separando a Europa em duas. Ele se referia à Guerra Fria, que se iniciou logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, perdurando até a dissolução da União Soviética, em 1991. Em 1947, os comunistas foram expulsos dos governos francês e italiano. Também em 1947, no Brasil, durante o governo Dutra, o Judiciário cancelou o registro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que passou a funcionar na clandestinidade (em janeiro de 1948, todos os parlamentares eleitos pelo PCB perderam seus mandatos).

Nesse contexto, os Estados Unidos se consolidaram como a grande potência ocidental, procurando estabelecer sua hegemonia sobre os demais países da América.

Como vimos, Estados Unidos e Colômbia mantinham boas relações desde o período da chamada “República liberal” governada pelos liberais Enrique Olaya e Eduardo Santos. Mas foi, em 1948, sob o governo de Mariano Ospina Perez, que se realizou em Bogotá, a IX Conferência Pan-americana, entre os meses de março e abril.¹⁹

Na semana do assassinato de Gaitán, portanto, estava em curso esse evento internacional de grande importância, que apresentava como uma de suas pautas, a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA).

¹⁸ HYLTON, Forrest. *A revolução colombiana*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. p. 71.

¹⁹ A princípio, a IX Conferência foi agendada para 1943, porém, devido à Guerra, a data foi transferida para 1946 e posteriormente acabou sendo agendada para março e abril de 1948. Sobre o contexto de preparação da IX Conferência Panamericana. Ver: GUILHODÉS, Pierre. El 9 de abril y su contexto internacional. In: SANCHEZ, Gonzalo (editor). *Grandes potencias, el 9 de abril y la violencia*. Bogotá: Planeta, 2000. pp. 45 -113.

No dia 22 de março, chegaram a Bogotá as primeiras delegações compostas por proeminentes figuras políticas de alguns países americanos. A delegação argentina e a venezuelana foram as primeiras a desembarcar. Nesse momento, chegou também à capital colombiana o então estudante de direito, Fidel Castro Ruz, que tinha, à época, 22 anos.

Fidel deslocou-se para Bogotá para participar de um encontro de estudantes em contraposição a IX Conferência Pan-americana, organizado pela *Federação Mundial da Juventude democrática* e pela *União Internacional dos Estudantes*. O encontro contou com a participação de jovens de vários países latino-americanos, dos EUA e da Europa: seu principal objetivo era refletir sobre a democracia na América Latina e definir um posicionamento contra o imperialismo norte-americano. Cabe salientar que, no fatídico dia 9 de abril, Fidel e outros membros do grupo de estudantes tinham um encontro agendado com Jorge Gaitán, o que não ocorreu por motivos óbvios.²⁰

Nos dias seguintes, as demais delegações foram desembarcando em Bogotá. À frente da delegação brasileira estava o Ministro das Relações Exteriores do governo Dutra, o diplomata João Neves de Foutoura. A delegação norte-americana foi encabeçada pelo Secretário do Estado dos Estados Unidos, George Marshall.

Embora Jorge Gaitán fosse uma personalidade política proeminente e líder do Partido Liberal, ele não foi convidado a participar da Conferência porque se posicionava contra o intervencionismo norte-americano na Colômbia.

Para sediar o evento, Bogotá passou por uma grande reforma urbana, porém, as obras de embelezamento da cidade contrastavam profundamente com o cenário de miséria das regiões periféricas. Cabe ressaltar que a desigualdade social, característica das metrópoles latino-americanas, aprofundou-se a partir da crise de 1929. Em Bogotá, o empobrecimento da população urbana ao redor do centro era bem visível em 1948.²¹

²⁰ O relato de Fidel Castro sobre o *Bogotazo* e sua memória sobre os acontecimentos daqueles dias foi registrado em uma entrevista concedida em 1981 ao jornalista e escritor colombiano Arturo Alape, que analisaremos no Capítulo 3 dessa dissertação. Cf.: ALAPE, Arturo. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway. Entrevistas*. Havana: Editora Política La Habana, 1984.

²¹ Sobre o contexto político e social colombiano anterior e posterior a 9 de abril de 1948 ver: Alberto BERMUDEZ. *Del Bogotazo al Frente Nacional: Historia de la década en que cambió Colombia*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1985.

A insatisfação popular crescia em virtude das dificuldades econômicas, mas também, devido à atuação dos governantes indiferentes às questões sociais e dos políticos, em geral, que se preocupavam, tão somente, com a luta partidária e disputas de poder.

Diante de tal situação de descontentamento explicitado por amplos setores da população, a figura carismática de Gaitán, defensor de causas sociais, como já foi mencionado, representava uma esperança, especialmente, para os menos favorecidos.

Sobre o clima de descontentamento que antecedeu a morte de Gaitán, Pedro Gomez Vaderrama, no prólogo da obra *El Bogotazo: memórias del olvido*, de Arturo Alape, fez referência ao episódio da seguinte forma:

Corrían los días de la IX Conferencia Panamericana. El pueblo poco sabía de ella. Sabía, en cambio, que estaba produciéndose un cambio político de fondo en el país, que la violencia si iba extendiendo como una mancha de aceite nacida en el Norte de Santander. Poco tiempo antes, en febrero, se habían producido en Caldas varias muertes por la violencia política, que iba tomando la vida nacional, tiñéndola de azul. La cólera iba ganando a los ciudadanos, que se sentían despojados, no ya del poder que el liberalismo había perdido en las elecciones, sino de su misma libertad, e incluso de la manera de ganar honrosamente su sustento.²²

Nesse contexto, a morte de Gaitán foi encarada como o fim de uma grande promessa. Glória Gaitán, sua única filha, afirmou:

“La vida de Gaitán significó la derrota de la oligarquía. La muerte de Gaitán y el Bogotazo, fue la derrota del pueblo.”²³

²² VALDERRAMA, Pedro Gomez. “Prólogo”. In: ALAPE, Arturo. *El Bogotazo: memórias del olvido*. Abril de 1948. 16 ed. Bogotá: Planeta, 2004.

²³ GAITÁN, Glória. Dos assuntos diferentes: Gaitanismo y 9 de abril. In: SÁNCHEZ, Gonzalo. Los días de la Revolución: Gaitanismo y 9 de abril em província. 2 ed. Bogotá: Centro Jorge Eliécer Gaitán, 1984.

1.3 Discursos políticos registrados na memória histórica

O pensamento de Pierre Ansart sobre os comícios nos ajudam a compreender o significado dos discursos políticos de Gaitán.²⁴ Em suas reflexões sobre a produção de sentimentos na política, o sociólogo francês destaca quatro premissas a serem levadas em conta na análise desses discursos:

1. a interação entre o orador encarregado de explicar e emocionar o público, convidado somente a manifestar suas aprovações ou desaprovações;
2. a conformação de sentimentos similares entre os membros do coletivo-público;
3. a sensibilidade política através da qual se realiza a inserção do sujeito no coletivo, ou seja, a articulação entre o individual e o social;
4. a existência de um tipo particular de comunicação e troca entre oradores e público, a partir da qual cria-se uma relação emocional de simpatia, identidade, convivência que resultam em adesão.

O discurso *Oración por la paz*, de Gaitán apresenta elementos que evidenciam esse tipo de relação líder/massa e contribuem para a compreensão dos resultados que foram capazes de provocar.

Elaborado pouco antes de sua trágica morte, carregado de forte carga emocional, o discurso produziu grande impacto entre seus seguidores. Constitui, portanto, documento histórico revelador das estratégias discursivas e retóricas apropriadas para atingir “coração e mente do povo”, como veremos a seguir.

²⁴ ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Paris: L'age d'Homme, 1990.

1.3.1 *Oración por la paz, de Jorge Eliécer Gaitán*

Oración por la paz foi o nome dado ao discurso pronunciado por Gaitán, no dia 7 de fevereiro de 1948, na Praça Bolívar, em Bogotá, encerrando a *Manifestación del silencio*.

Organizada por Gaitán, essa manifestação foi um importante protesto popular contra a violência política na Colômbia que reuniu mais de duzentas mil pessoas numa caminhada silenciosa pelas ruas da capital. O protesto entrou para história colombiana por seu caráter silencioso e pacífico, que culminou com a multidão ouvindo o discurso do líder. Salienta-se que, como foi mencionado anteriormente, nesse momento, a Colômbia vivia um momento de muita tensão política e social resultante de dificuldades econômicas e demonstrações de violência político-partidária. No seu romance autobiográfico, Gabriel García Márquez relata sua impressão sobre a *Manifestación del silencio* ou *Marcha del silencio* da seguinte forma:

Assim foi a “marcha do silêncio”, a mais emocionante de todas as que foram feitas na Colômbia. A impressão que ficou daquela tarde histórica. Entre partidários e inimigos, foi que a eleição de Gaitán era um fato consumado que ninguém conseguiria impedir. Os conservadores também sabiam disso, pelo grau de contaminação que a violência tinha alcançado em todo país, pela ferocidade da polícia do regime contra o liberalismo desarmado e pela política de terra arrasada.²⁵

Nesse cenário, a atuação política de Gaitán foi marcante, como se pode notar: por meio de poucos, mas densos, escritos nos quais expôs suas ideias e ideais, e de seus discursos memoráveis conquistou inúmeros adeptos. Gaitán tinha notável capacidade de oratória e conseguia falar diretamente ao povo de forma envolvente. Ainda conforme, García Márquez:

²⁵ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. P. 271.

[...] naquela noite compreendi de repente que ele havia ultrapassado o país que falava espanhol e estava inventando uma língua franca para todos, não tanto pelo que as palavras diziam mas pela comoção e pelas astúcias da voz. Ele mesmo, em seus discursos épicos, aconselhava seus ouvintes, num malicioso tom paternal, a regressar às suas casas em paz, e eles traduziam como uma ordem cifrada para expressar seu repúdio contra tudo que as desigualdades sociais e o poder de um governo brutal representavam. Até os próprios policiais que deveriam proteger a ordem ficavam motivados por uma advertência que interpretavam do avesso.²⁶

Defensor das causas sociais, esse líder carismático conseguia persuadir milhares de pessoas, como afirma Darío Acevedo Carmona:

Su oratoria, sus consignas contra la oligarquía a la que culpaba de los males principales del país: la corrupción moral y la violencia política; su capacidad de control sobre las multitudes puesta a prueba en las grandes movilizaciones con antorchas y en las marchas silenciosas, habían hecho crecer su figura hasta el punto de tórnalo caudillo mesiánico.²⁷

Para além do parlamento e da imprensa, Gaitán elegeu a praça pública com meio de comunicação com as massas; considerava esse o local privilegiado para a conscientização política do povo.

No entanto, também se valeu da rádio, importante meio de comunicação da época, para difundir seu pensamento. Por meio de um programa radiofônico que ia ao ar às sextas-feiras, chamado *Viernes culturales*, dirigia-se aos colombianos de todas as partes do país, atingindo um público mais amplo. Conforme salienta Gonzalo Sanchez:

²⁶ MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. pp. 269-270.

²⁷ Darío Acevedo CARMONA. *Política y caudillos colombianos em la caricatura editorial, 1920-1950: Estudios de los imaginarios políticos partidistas*. Medellín: La Carreta Editores, Universidad Nacional de Colombia, 2009. p.114.

Durante los años 40's, además del parlamento y la prensa, Gaitán explota en todas sus potencialidades, un nuevo escenario de comunicación directa con el Pueblo, la plaza pública. La plaza pública es para Gaitán un escenario de emplazamiento a la oligarquía, de desafío a la “mecánica política”, pero también, y ante todo, un centro de concientización y de educación del pueblo en su propio poder. Complemento de esta función pedagógica de Gaitán fuera de Bogotá era la transmisión por radio de los “Viernes Culturales”.²⁸

No discurso *Oración por la paz*, sua fala tinha um destinatário: o Presidente Mariano Ospina Pérez, ao qual se dirigia como porta-voz do povo. Nesse discurso, pedia justiça, piedade e, principalmente, paz para o povo e para a pátria colombiana. Para exemplificar, cabe a menção de alguns trechos dessa fala:

“Señor Presidente Mariano Ospina Pérez,
Bajo el peso de una honda emoción me dirijo a vuestra Excelencia, interpretando el querer y la voluntad de esta inmensa multitud que esconde su ardiente corazón, lacerado por tanta injusticia, bajo un silencio clamoroso, para pedir que haya paz y piedad para la patria.”²⁹

Ao invocar ação efetiva do Presidente na solução dos problemas da pátria, Gaitán responsabilizava, sutilmente, Ospina Pérez pela situação do país e denunciava sua inércia frente à penúria e desamparo da população. Desta forma, a partir de uma estratégia de retórica, atacava seu adversário político. A seguir, mencionamos outro trecho no qual se evidencia, com maior clareza, essa estratégia:

“Señor Presidente: Serenamente, tranquilamente, con la emoción que atraviesa el espíritu de los ciudadanos que llenan

²⁸ SÁNCHEZ, Gonzalo. *Los días de la Revolución: Gaitanismo y 9 de abril en provincia*. 2 ed. Bogotá: Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984. p. 9.

²⁹ GAITÁN, Jorge Eliécer. *Oración por la paz*. In: VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán. Antología de su pensamiento social e económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. p. 341.

esta plaza, os pedimos que ejerzáis vuestro mandato, el mismo que os ha dado el pueblo, para devolver al país la tranquilidad pública. ¡Todo depende ahora de vos! [...]

Impedid, Señor, la violencia. Queremos la defensa de la vida humana, que es lo que puede pedir un pueblo. En vez de esta fuerza ciega desatada, debemos aprovechar la capacidad de trabajo del pueblo para beneficio del progreso de Colombia.”³⁰

Por fim conforme se pode notar em sua última fala, citada a seguir, Jorge Gaitán encerra seu discurso recorrendo à história como legitimadora das ações humanas:

“Os decimos finalmente, Excelentísimo señor: bienaventurados los que entienden que las palabras de concordia y de paz no deben servir para ocultar sentimientos de rencor y exterminio ¡Malaventurados los que en el gobierno ocultan tras la bondad de las palabras la impiedad para los hombres de su pueblo, porque ellos serán señalados con el dedo de la ignominia en las páginas de la historia!”³¹

Gaitán fala em nome do povo colombiano e assume o papel de “porta-voz” desse povo. A *Oración por la paz*, pronunciada na condição de discurso político pelo próprio autor, explicita clara oposição ao governo e também seu objetivo de galgar o posto de Presidente. Dirigido às classes populares, pretendia conscientizar o povo colombiano em relação aos males do governo e apresentar-se como seu aliado e “salvador”. Seu objetivo era angariar apoio, não só de populares, mas também de amplos setores da sociedade, para suas causas que só poderiam ser postas em prática se chegasse ao poder.

A *Manifestación del silencio* e o pronunciamento da *Oración por la paz*, expressaram uma mensagem pacifista e vigorosa de Gaitán que, em tom de denúncia, cobrou a responsabilidade do governo com relação à violência política e penúria de grande parte da população naquele contexto. Esse foi o último

³⁰ GAITÁN, Jorge Eliécer. op. cit. p. 336.

³¹ Idem. p. 336.

contato de Gaitán com as massas e seu último discurso político que teve grande repercussão, tanto pelo ato da fala, como pelo registro de memória.

Pelo exposto, consideramos que o discurso *Oración por la paz* pode ser interpretado como um instrumento de produção simbólica que contribuiu para a construção e preservação da imagem mitológica de Gaitán, que se insere como peça chave no processo de construção de suas memórias.³²

A força política das memórias de Gaitán é inegável. A construção de um imaginário social em torno de sua morte, o transformou em mito nacional.

³² Imaginário social é pensando a partir de Bronislaw Baczko, que o define como o elemento que orienta a vida social como um todo: ditando suas regras, práticas e valores e mobilizando os afetos, as emoções e os desejos. Cf.: BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

1.4. Representações imagéticas: caricaturas³³ de Gaitán (1947-1948)

Conforme procuramos mostrar, os discursos de Jorge Gaitán contribuíram para torná-lo extremamente popular, especialmente, a partir da década de 1940.

Nesse período ele, como notória figura política, passou a ser assunto nos meios de comunicação, em especial, na imprensa escrita colombiana. Constantemente, Gaitán era mencionado nas páginas dos principais periódicos colombianos que veiculavam notícias, nem sempre elogiosas, sobre sua atuação política. As críticas eram reforçadas através de caricaturas que o satirizavam e condenavam suas ideias e ações.

Num recorte temporal, entre 1947 e 1948, notamos que a grande imprensa escrita colombiana, com destaque para o jornal conservador *El Siglo*, cuja a sede em Bogotá foi incendiada durante o *Bogotazo*, passou a publicar caricaturas de Gaitán que faziam crítica ao gaitanismo e às suas propostas reformistas.

Antes de passar para a análise das caricaturas, é importante ressaltar alguns aspectos gerais sobre as mesmas. As caricaturas são expressões artísticas que tem o intuito de representar determinadas personagens exagerando traços e com caráter cômico. De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta³⁴, embora as caricaturas e charges tenham surgido no século XVII, na Itália, o gosto por caricaturas políticas teria amadurecido na Inglaterra, a partir do século XVIII, com as lutas revolucionárias.

As caricaturas sempre fazem crítica com teor social ou político zombando da figura representada. Devido a esse caráter essencialmente cômico, as críticas veiculadas pelas caricaturas são mais aceitas e facilmente assimiladas por todas as camadas sociais.

³³ Optamos por utilizar o termo caricatura, com base em: MOTTA, Rodrigo P. Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

³⁴ MOTTA, Rodrigo P. Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

A partir do século XIX a caricatura foi incorporada à imprensa jornalística e se tornou uma forma, cada vez mais popular, de se fazer crítica política. Com relação a isso, Motta explica:

A fácil adaptação da caricatura ao discurso jornalístico deveu-se, também, ao fato de ter funcionado como crônica política. O desenho de humor, de maneira recorrente, atua no comentário diário dos acontecimentos e atos dos líderes políticos, o que auxilia os jornais em seu papel de produzir a notícia e informar o grande público. Com frequência, as caricaturas servem para expressar o ponto de vista do periódico sobre os temas em debate, como se ilustrassem a posição política do jornal. [...]

A caricatura é antes uma arma de ataque do que de defesa: é na mordacidade que ela revela melhor o seu potencial. Existem caricaturas elogiosas, mas essas geralmente não têm brilho nem graça. As melhores são as que, para atingir o efeito cômico desejado, zombam impiedosamente dos personagens sob a mira do lápis do artista. Por isso, geralmente as caricaturas políticas são dedicadas aos adversários, raramente aos líderes admirados.³⁵

As explicações do autor se coadunam perfeitamente com as caricaturas do líder colombiano feita publicadas nos jornais de oposição. Cabe mostrá-las, começando pelas que foram publicadas no jornal *El Siglo* entre os anos de 1947 e 1948, ou seja, pouco antes da sua morte. Nessas caricaturas Gaitán é associado às figuras de líderes nazifascistas, como Benito Mussolini e Adolf Hitler e ao comunismo internacional, e também, é representando como um chefe liberal corrupto e violento, conforme veremos.

³⁵ Idem, p.19, 20 e 21.

Figura 1. Desplantes de Arrabal

Legenda: De chefe de partido a chefe de quadrilha

Fonte: Jornal *El Siglo*, 24 de novembro de 1947. p. 4.

Publicada em 24 de novembro de 1947, essa caricatura, intitulada “*Desplantes de arrabal*”, critica os projetos de reforma política propostos por Gaitán, considerados pelos conservadores como sendo nocivos ao país. Gaitán é representando como um homem violento, com armas de fogo em punho e crâneos humanos na cintura. Na legenda da caricatura, lê-se: “*De jefe de partido a jefe de cuadrilha*”, numa alusão ao grupo gaitanista, que o tinham como líder.

Figura 2. La bolsa y la vida

Legenda: El sincabeza!... Y. ahora qué más?

Fonte: Jornal *El Siglo*, 6 de março de 1948. p. 4.

Na mesma linha da caricatura anterior, nesta do dia 6 de março de 1948, Gaitán é representado apontando armas para uma figura sem cabeça que representa o liberalismo. Em uma das armas está impressa a palavra “Violência” e, na outra, a palavra “Fraude”. A ausência da cabeça na figura que representa o liberalismo deve-se à suposta falta de rumo e de liderança atribuída ao Partido Liberal. Mais uma vez, Gaitán é representando como um homem temido e violento.

Figura 3. *Quien maneja los hilos?* (Quem puxa as cordas?)

Fonte: Jornal *El Siglo*, 11 de janeiro de 1948. p. 4.

Nessa caricatura, publicada em 11 de janeiro de 1948, ou seja, cerca de três meses antes de seu assassinato, Gaitán aparece, vestindo um traje bolchevique, como uma espécie de condutor de um veículo puxado por um urso que representa o comunismo. Empurrando o urso está representado um dirigente comunista: Diego Montaña Cuellar. No chão há a palavra *huelgas* (greves), sendo pisada por um homem descalço que representa o povo.

Como se pode notar, o jornal *El Siglo* relacionava Gaitán ao comunismo e à URSS, ou seja, o via como uma liderança perigosa que representava o "perigo comunista" na Colômbia.

Figura 4. Regresan los reclutas

Legenda: Gaitán: – Y eso fue todo lo que trajeron?

Ellos: – Hasta donde nos alcanzaron los cartuchos, mi amo.

Fonte: Jornal El Siglo, 28 de janeiro de 1948, p.4.

Mais uma vez, nessa caricatura, de 28 de janeiro de 1948, há uma clara referência à suposta ligação de Gaitán ao comunismo. Ele é representado, novamente, com traje de soldado bolchevique, dando ordens a soldados (ou seja, um líder militar) e, guiando um urso, símbolo do comunismo. Na parte superior da imagem, aparece a foice e o martelo, marcada com a palavra “caos”.

Figura 5. El nuevo Duce

Fonte: Jornal *El Siglo*, 16 de julho de 1947, p. 4.

Muito comum, também, nas caricaturas publicadas pelo *El Siglo*, foram as representações de Gaitán ligadas a líderes como Benito Musolini e Adolf Hitler, e outros do passado, como Napoleão Bonaparte, que sugeria o poder autoritário encoberto num líder tido como liberal.

Nessa caricatura, publicada no dia 16 de julho de 1947, Gaitán aparece em traje nazista e com o braço estendido, numa referência aos regimes fascistas. Além disso, está representado a partir da imagem clássica dos ditadores totalitários, ou seja, o líder no alto comandando as massas passivas, em posição de adoração.

Figura 6. El Napoleon criollo

Fonte: Jornal El Siglo, 20 de dezembro de 1947, p. 4.

Nessa caricatura, de 20 de dezembro de 1947, Gaitán está representado, como Napoleão Bonaparte (o líder criollo). Com a feição abatida que sugere derrota, está sendo bombardeado, por um avião que traz escrita, numa das asas, o nome de uma coluna do jornal *El Tiemplo* ("Danza de las horas"). No chão, um cavalo morto representa o gaitanismo, ao lado um urubu, símbolo da morte, o que, por ironia do destino, ocorreria no ano seguinte.

Como procuramos mostrar, as caricaturas publicadas no Jornal *El Siglo* antes do assassinato de Gaitán, demonstram a crítica mordaz que a imprensa de grande circulação fazia a Gaitán e ao gaitanismo. Ambos foram representados de forma negativa, como símbolo de violência associada ao comunismo, num contexto de Guerra Fria, no qual o Governo da Colômbia se punha ao lado dos EUA contra o comunismo.

Ou seja, não só o caricaturista, mas o jornal que publicava suas imagens – *El Siglo* – se valiam da caricatura como arma política de oposição ao líder liberal e seus correligionários. Neste caso, como salienta Motta:

“[...] o caricaturista, invariavelmente, ao comentar e relatar certos temas políticos, está também apresentando um ponto de vista. A caricatura torna-se um instrumento político, um meio de intervenção do autor na arena pública e uma expressão de suas ideias, às vezes partidárias.”³⁶

Portando, no caso das caricaturas publicadas em *El Siglo*, os representantes do jornal, foram responsáveis por uma campanha que muito contribuiu para o acirramento dos conflitos sociais e políticos na Colômbia.

³⁶ MOTTA, Rodrigo P. Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 23.

CAPÍTULO 2

9 de abril de 1948: ESTOPIM DE PAIXÕES POLÍTICAS

El Bogotazo fue una verdadera epifanía que dejó entrever que había lugares, personas y objetos cargados de valores simbólicos y sobre los que se compartían significados transmitidos desde una memoria que, desde luego, no era la oficial.³⁷

³⁷ Gustavo Arce FUSTERO. “‘La presencia oculta de una fiera desconocida...’ Rastreado em los Orígenes del bogotazo. Los años 20”. In: CRUZ, Yesenia P.; VALENCIA, David F. P; ARELLANO, Luis E.P.; CASTILLO, Alejandro; FUSTERO, Gustavo Arce. *Fragmentos de história política y cultural. Colombia siglo XIX y XX*. Popayán: Universidad del Cauca, 2011. p.145.

2.1. Violência e paixões políticas

A violência tem muitas faces, muitas formas e muitas motivações. Nesse sentido, nos restringiremos, nesta análise, a um tipo específico de violência: a violência coletiva desorganizada e motivada por frustrações políticas e sociais. Na tentativa de compreender os surtos de violência que caracterizam motins urbanos, recorreremos às reflexões de René Girard, em sua obra *La violence et le sacré*³⁸ e de Pierre Ansart, em *La gestion des passions politiques*.³⁹

Girard, contrario às ideias de Rousseau, defende a tese de que a violência é inerente à condição humana, à sociedade. Afirmar que, como as tensões internas, rancores, rivalidades estão latentes no seio de qualquer comunidade, elas tendem a explodir na forma de violência descontrolada e indiferenciada. Por esse motivo, os membros das sociedades mais diversas sempre procuraram encontrar fórmulas de controle preventivo. A partir da modernidade, a criação do sistema judiciário passou a exercer esse papel. No entanto, no caso do *Bogotazo*, a comoção extrapolou a possibilidade de controle dos representantes das leis.

Neste episódio, a violência coletiva e espontânea que caracterizou os motins urbanos pode ser entendida como decorrente de “paixões políticas”. Com relação a este aspecto, a análise de Pierre Ansart sobre a gestão de paixões políticas, nos ajuda a compreender a “causa” mais profunda da violência descontrolada que caracterizou os motins. O autor analisa um fenômeno pouco estudado entre os historiadores e outros cientistas sociais, ou seja, a estrutura dos sentimentos. Procura explicar como os sentimentos e as paixões atuam na reprodução do social, nas mudanças da vida política e como se manifestam nos conflitos.

Ansart se dedicou ao estudo da dimensão afetiva da vida política levando em conta, tanto os sentimentos comuns, como as paixões coletivas que acompanham as práticas políticas. Mesmo com as dificuldades de se compreender os fenômenos relacionados à afetividade política, enfrentou o

³⁸ GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris: Hachette, 2011.

³⁹ ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Paris: L'âge d'Homme, 1990.

desafio de examinar a produção de sentimentos políticos considerando os atores, os meios e as consequências desses fenômenos. Refere-se à estrutura sócio afetiva como conceito nuclear que orienta sua análise e sugere que o estudo dos sentimentos políticos esteja sempre relacionado a práticas políticas particulares. Nesse sentido, o autor distingue sentimento, que se caracteriza por relações afetivas de longa duração, de emoção/paixão individuais ou coletivas, que são fenômenos de curta duração. Ele retoma a definição clássica de emoção como perturbação momentânea e intensa.

Ainda seguindo na linha de interpretação de Ansart, pode-se supor que, em se tratando de líderes populares, o processo de identificação com o morto, permitiu que os seus “liderados” se reconhecessem na imagem do líder. No terreno das representações, o morto real se confundia com o morto imaginário, transformando-se em símbolo do coletivo, depositário de todas as emoções.

Em casos de morte natural, ainda segundo o autor, o coletivo se une na dor e os laços entre seus membros tendem a se fortalecer através do sofrimento e do consolo. No entanto, a morte trágica dos líderes ocorridas num contexto de tensão provocada por conflitos partidários radicalizados, a emoção se manifesta na forma de indignação e gera revolta violenta, contagiante e incontrolável, como aconteceu no episódio que estamos analisando.

As emoções que a morte de figuras públicas suscita se manifestam, ao mesmo tempo, no plano individual e coletivo. No entanto, a emoção varia dependendo das características da figura pública e das condições da morte. No caso de Gaitán que morreu de forma trágica e inesperada, podemos inferir que se houvesse um termômetro capaz de medir a emoção, ele mostraria que ela atingiu o grau máximo, causando o surto de violência e de revolta que deixou o centro de Bogotá destruído e se alastrou para as províncias, no interior do país.

2.2. O Bogotazo

El aspecto que más resalta dentro de una perspectiva globalizante de los acontecimientos, es la simultaneidad en su desenvolvimiento, en lo cual juegan un papel determinante dos factores claramente identificables: hay una causa inmediata de significación nacional, el asesinato de Gaitán, y la noticia se ha difundido por un canal de proyección también nacional, la radio. En torno a los sitios en donde precisamente se produjeron haber tenido algún peso respecto a las regiones más apartadas [...]. En 1948, y al día siguiente del asesinato, que era sábado y por costumbre, al igual domingo, días de mercado, incluso los campesinos que aún hubieran podido desconocer el hecho, se informaron y efectivamente empezaron a actuar como fuerza decisiva en muchas localidades.⁴⁰

Voltando ao episódio, no dia 9 de abril de 1948, às 13h, na Carrera Sétima, no centro de Bogotá, em frente ao prédio em que trabalhava, Jorge Eliécer Gaitán foi atingido com três tiros no peito.

O assassinato foi visto com espanto e horror pelas pessoas que presenciaram o crime. É importante esclarecer que o homem que atirou em Gaitán, chamado Juan Rosa Sierra, era um gaitanista fanático.

A morte foi recebida como uma punhalada por muitos colombianos que esperavam elegê-lo presidente nas próximas eleições presidenciais de 1949. Líder da ala progressista do Partido Liberal, Gaitán era visto por muitos, naquele momento, como o homem que seria capaz de solucionar os problemas graves que o país enfrentava. Conforme salienta o historiador colombiano Gonzalo Sánchez:

Gaitán representaba, pues, en los años de post-guerra, la única fuerza política en ascenso y la única también que en ese momento encarnaba una tendencia democrático-popular.⁴¹

⁴⁰ SÁNCHEZ, Gonzalo. *Los días de la Revolución: Gaitanismo y 9 de abril em província*. 2 ed. Bogotá: Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984. p.155.

⁴¹ Idem. p.17.

A reação ao assassinato foi imediata, espontânea e muito violenta. Os transeuntes que presenciaram o crime começaram a gritar e a perseguir o assassino que, ao ser pego pela multidão, foi linchado e seu corpo arrastado até o Palácio Presidencial, no final da Carrera Sétima, onde pediram explicações sobre o ocorrido ao presidente Mariano Ospina Perez.⁴²

Conforme a notícia do crime foi se espalhando pela cidade, desencadeou-se uma desordem popular de dimensões incontroláveis. Os manifestantes, cada vez em maior número, passaram a saquear e incendiar o centro de Bogotá, transformando-o, rapidamente, em ruínas. Automóveis, bondes, Igrejas⁴³, prédios públicos e redações de jornais foram depredados e incendiados e inúmeros comércios foram saqueados. Os estabelecimentos comerciais com nomes norte-americanos, assim como a embaixada dos Estados Unidos, vistos como símbolos do imperialismo norte-americano, foram alvos especialmente visados.⁴⁴

Em meio a esse caos, Divisões Polícias foram invadidas, presidiários foram soltos e armas de fogo foram saqueadas. Um grupo de revoltados tomou a Quinta Divisão de Polícia e fez desse espaço uma espécie de sede de combate.

Durante três dias, parte da população esteve nas ruas depredando, invadindo, saqueando, num surto de violência coletiva de proporções gigantescas.

Cabe esclarecer que o motim teve duas fases: a princípio, a manifestação foi espontânea, sem liderança e sem qualquer forma de organização, num segundo momento, grupos gaitanistas tomaram as principais rádios de Bogotá e passaram a noticiar o assassinato para as cidades do interior incitando a revolta também nas províncias. Os movimentos que se desencadearam em outras

⁴² Em 2013, o cineasta Andrés Baiz, lançou o filme *Roa*. Baseado na obra *O crime do século*, de Miguel Torres, a película conta a história de Juan Roa Sierra e apresenta uma nova uma visão menos idealizada de Gaitán.

⁴³ Sobre o ataque a igrejas e símbolos do catolicismo, ver: FUSTERO, Gustavo Arce. “La presencia oculta de una fiera desconocida...” Rastreando em los Orígenes del bogotazo. Los años 20”. In: CRUZ, Yesenia P.; VALENCIA, David F. P; ARELLANO, Luis E.P.; CASTILLO, Alejandro; FUSTERO, Gustavo Arce. *Fragmentos de história política y cultural. Colombia siglo XIX y XX*. Popayán: Universidad del Cauca, 2011. pp.145-164.

⁴⁴ Ver fotografias da destruição, em anexo.

partes do país nos dias subsequentes, acabaram se tornando mais organizados, violentos e duradouros.⁴⁵

Nesse contexto, a IX Conferência Pan-americana foi interrompida. Os principais jornais colombianos com sedes em Bogotá (*El Tiempo*, *El Siglo* e *El Espectador*) não circularam no dia 10 de abril, voltando à distribuição somente a partir do dia 11, trazendo notícias do assassinato de Gaitán e do surto de violência coletiva subsequente.

No contexto da Guerra Fria, a versão de que o assassinato e o *Bogotazo* teria sido obra de agentes comunistas foi veiculada pelas agências de notícias estrangeiras, especialmente, norte-americanas. A grande imprensa colombiana e brasileira, especialmente jornais paulistas como *A Gazeta* e *O Estado de São Paulo*, também espalharam essa versão, o que contribuiu para o fortalecimento do sentimento anticomunista já muito presente no Brasil, durante o governo Dutra.

Após o assassinato, o governo norte-americano começou a investigar as possíveis ligações do Partido Comunista com os acontecimentos de 9 de abril, supondo que o atentado tivesse sido encomendado com o intuito de perturbar a IX Conferência. Porém, os investigadores acabaram concluindo que os incidentes não tinham relação com nenhum partido político e que nenhum partido teve conhecimento prévio do crime. Portanto, apesar da sua intensa atividade partidária, é possível concluir que o assassinato de Gaitán, em si, não teve causa política.

A imagem de Gaitán era tão carismática e mobilizadora que sua morte violenta foi capaz de despertar profundos sentimentos de revolta e indignação na população.

Gaitán reunia em si os anseios, os desejos e sentimentos de esperança de grande parte da população – especialmente entre os menos favorecidos. A frustração da perda do líder, ou melhor dizendo, o que sua figura representava,

⁴⁵ Sobre os movimentos populares gaitanistas nas províncias após o assassinato de Gaitán ver: SÁNCHEZ, Gonzalo. *Los días de la Revolución: gaitanismo y 9 de abril em província*. Bogotá, Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984.

explica a reação que sua morte provocou: revolta espontânea, fúria descontrolada e desejo de vingança.

O *Bogotazo* foi resultado de uma “explosão” de indignação desencadeada por um acontecimento inesperado que despertou paixões políticas.⁴⁶ O processo de identificação emocional de parcelas da população com lideranças populares justifica as reações exacerbadas e irracionais provocadas pela perda dessas figuras nas quais depositavam suas confianças e esperanças. Isso pôde ser observado em outros contextos em que a morte de líderes ocasionou uma série de revoltas populares, como os motins urbanos ocorridos em decorrência do suicídio do Presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, no palácio do Catete, no Rio de Janeiro.⁴⁷

Segundo na linha de interpretação do filósofo Cornelius Castoriades⁴⁸, é possível pensar o *Bogotazo* como um espaço de significação do real, de forma consciente e inconsciente. Isto é, segundo o autor, pode-se concluir que as reações instantâneas, espontâneas e violentas da população em decorrência da morte trágica de um símbolo do poder – como o caso foi o caso de Gaitán – representaram uma maneira encontrada pela população de materializar e extrapolar sentimentos tanto de indignação quanto de insatisfação vivenciados na Colômbia, num período marcado por conflitos que se aguçaram em 1948. O assassinato de Gaitán foi, portanto, o estopim de uma crise que já estava em curso.

⁴⁶ Nos referimos a paixões políticas, novamente, com base nas análises de Pierre Ansart. CF.: ANSAR, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Paris: L'age d'Homme, 1990.

⁴⁷ Cf.: FERREIRA, Jorge. *O Imaginário Trabalhista: Getulismo, PTB e cultura política popular 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp. 163-211.

⁴⁸ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

2.3. O papel da mídia em acontecimentos traumáticos: do estímulo à exacerbação das emoções à vítima da violência

Os estudos sobre a imprensa como fonte e objeto de estudo do historiador mostram que o jornal se orienta por duas perspectivas: informação e formação.

O código de conduta do jornalismo indica que um periódico tem que ser imparcial e sempre voltado para a informação do leitor.

No entanto, com relação à leitura dos jornais, procuramos mostrar, justamente, que o posicionamento do corpo editorial se guia por ideologias e interesses. Um periódico se caracteriza por um duplo sentido: é uma mercadoria especial porque, enquanto empresa comercial visa o lucro, mas sua atuação na esfera pública, segundo os primeiros definidores de sua função, é dupla: informar e formar a opinião pública, ou seja, seu público leitor. Porém, cabe salientar que a peculiaridade de uma empresa jornalística consiste na sua atuação, ao mesmo tempo, no espaço público e privado. Portanto, a notícia/informação que, segundo as regras do jornalismo, deveria ser imparcial, acabam exercendo seu ofício a partir de ideologias e interesses mercadológicos.⁴⁹

A imprensa, portanto, mais do que simples meio de comunicação, exerce um poder de intervenção na vida social e política de um país.

Nesse sentido, a imprensa foi analisada nesta pesquisa, como veículo de interferência na opinião pública. Os jornais colombianos da Grande Imprensa, antes, durante e depois do episódio de 9 de abril de 1948, atuaram a partir dos interesses políticos e ideológicos que orientavam as posições dos representantes do corpo editorial. O papel de guia e condutor da opinião pública se evidencia a cada passo no desenrolar dos acontecimentos.

Os jornais e emissoras de rádio, frente ao assassinato de Gaitán, além de noticiar o acontecimento, contribuíram muito para a exacerbação das emoções e da violência. Além de transformar o assassinato em um acontecimento espetacular. No entanto, se por um lado, estimularam a fúria dos revoltosos, por outro, foram vítimas deles.

⁴⁹ CAPELATO, Maria Helena R.; PRADO, Maria Ligia. O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Conforme visto, a massa rebelada responsabilizou os veículos de comunicação pela morte do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán, que fora alvo de intensas campanhas de oposição em relação a ele. Jornais colombianos como *El Tiempo*, *El Siglo* e *El Espectador*, expressões mais significativas da grande imprensa conservadora foram incendiados e depredados durante o *Bogotazo*. O mesmo ocorreu com relação às emissoras de rádio que eram porta-vozes dos setores conservadores: foram invadidas e transformadas em base de ação dos militantes adeptos do gaitanismo. Discursos e palavras de ordem foram transmitidas, incentivando a população a dar continuidade ao movimento de revolta, não só na capital, como também no interior.

Como se pode notar pelos ataques contra os jornais e emissoras de rádio, esses meios de comunicação desempenhavam papel político bastante relevante. Neste sentido, contribuía, de forma muito eficaz para a construção e reprodução de imaginários sociais.

Pensamos, portanto, que o *Bogotazo* e os motins nas províncias serviram, de certa forma, para dar sentido à morte de Gaitán, no plano tanto do consciente quanto do inconsciente coletivo, podendo ser pensados também como representações.

Com relação ao funeral de Gaitán é interessante mencionar o ensaio de Robert Hertz “Contribuição para um estudo sobre a representação coletiva da morte”, no qual o autor analisa as representações e os ritos criados em torno da morte. Hertz afirma serem imprescindíveis ritos que busquem transformar o ato biológico da morte em um processo social aceitável, visto que todo falecimento é um acontecimento traumático por excelência. Somente os atos simbólicos/sociais da morte, como, por exemplo, a mumificação e o sepultamento, conseguem dominar a crise social e psicológica desencadeada pelo fim da vida.⁵⁰

O funeral de Gaitán foi impactante, com intensa e comovente participação popular, podendo ser, neste caso, definido como um rito e importante ato simbólico relacionado à morte. No entanto, o funeral do líder colombiano, ao invés de contribuir para a aceitação desse acontecimento inevitável: a morte,

⁵⁰ Referência retirada do texto de autoria de Carlo Guinzburg intitulado “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. In: GUINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira*. Nove Reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 85 a 103.

transformou-se em ato de revolta que teve desdobramentos dramáticos para a história futura desse país. Estamos nos referindo ao início da era definida como *La Violencia*.

2.3.1. O 9 de abril de 1948 na grande imprensa colombiana

Conforme vimos, a grande imprensa colombiana, em especial os jornais, foram alvo dos revoltosos no 9 de abril de 1948. Os prédios das redações dos principais jornais da cidade (*El Tiempo* e *El Siglo* e *El Espectador*) foram incendiados e depredados. Por conta disso, não puderam noticiar os acontecimentos imediatamente.

Nos meses anteriores ao assassinato de Gaitán, as principais notícias veiculadas nos periódicos da grande imprensa colombiana diziam respeito à organização da IX Conferência Pan-americana, que foi interrompida no dia 9 de abril de 1948. Nota-se também que nesse período, Gaitán está muito presente no noticiário colombiano: nas manchetes, nos editoriais e nas caricaturas jornalísticas, conforme vimos no Capítulo 1.

Devido aos distúrbios do *Bogotazo*, os jornais com sede em Bogota, como o *El Tiempo*, voltaram a circular normalmente, somente no dia 12 de abril, quando a situação da capital começou a ser normalizada.

O jornal *El Tiempo* trouxe na edição do dia 12 de abril de 1948, a seguinte manchete de capa:

“BOGOTÁ ESTA SEMIDESTRUÍDA
COBARDEMENTE ASESINADO EL DR. GAITAN”.

Figura 7. Capa do jornal *El Tiempo*, de 12 de abril de 1948.

Tanto o jornal *El Tiempo* (ligado ao Partido Conservador), quanto o jornal *La Patria* (ligado ao Partido Liberal) noticiaram os acontecimentos de 9 de abril de 1948 associando-o à um atentado comunista e dissociando-o do Partido Conservador.

A manchete de capa da edição de 12 de abril de 1948 do jornal *La Patria*, afirma que:

“NO FUE CONSERVADOR EL ASESINO DEL DOCTOR JORGE ELIÉCER GAITÁN”

Figura 9. Capa do jornal *La Patria*, de 12 de abril de 1948.

Na sequência, na edição de 13 de abril de 1948, o jornal *La Patria*, trazia sua capa uma matéria atribuindo ao comunismo internacional a morte de Gaitán, conforme vemos a seguir:

“Fue el comunismo el autor del atentado contra el Dr. Gaitán
Tal fue la enfática declaración que hizo Haya de la Torre para la *United Press*. El líder peruano, condena los actos de subversión ocurridos en la república de Colombia y los considera eslabón de la cadena de atentados del partido comunista.”

Figura 10. Recorte da capa do Jornal *La Patria*, de 13 de abril de 1948

de del a la Obediencia Nacional, pero... que silenciamiento y con todo...

Fué el comunismo el autor del - atentado contra el Dr. Gaitán -

Tal fue la enfática declaración que hizo Haya de la Torre para la *United Press*. El líder peruano, condena los actos de subversión ocurridos en la República de Colombia y los considera eslabón de la cadena de atentados del partido comunista

Nueva York, 12 —UP— Victor Raúl Haya de la Torre, jefe del partido agraria del Perú, hizo la siguiente declaración sobre los sucesos de Colombia: “El inculcable asesinato del gran líder popular Gaitán, es un crimen horrible, pero ese crimen no es colombiano. Se ha pretendido sumir a Colombia en luchas sangrientas sin precedentes en la noble y limpia historia democrática de ese país, para abrir abismos de odio entre los dos grandes partidos de la más alta trayectoria cívica. Se ha pretendido destruir la Conferencia Interamericana para co-

dido por la figura tan preciosa como Darío Echandía y la reorganización de la dirección del partido liberal en la que figuran los leales amigos de Gaitán, es un alto ejemplo de cordura que corresponde a la tradición democrática de Colombia. Esa es la respuesta histórica del buen sentido político de ese país y la derrota de quienes concibieron y perpetraron el crimen para anarquizar a Colombia y romper la solidaridad Inter-

mericana. La afirmación del régimen institucional y la continuidad de la Conferencia Interamericana sería la mejor victoria democrática de Colombia y de América contra los planes de provocación y caos de los enemigos de la libertad y la unidad del hemisferio”.

Haya visitó el domingo a los dos expresidentes de Colombia, doctores Santos y López.

HAYA DE LA TORRE condena el asesinato de Gaitán por el comunismo.

rrar el paso a una efectiva coordinación hemisférica, tanto jurídica y económica como militar para la defensa de nuestros pueblos frente a la amenaza totalitaria comunista, pero el martirio de Gaitán no podrá ser aprovechado por los enemigos de la democracia, sino que va a servir para afirmar y será gloria del nombre del gran jefe liberal caído, que sirva para unir a todos los hombres y pueblos democráticos de América en defensa común de nuestras libertades esenciales. El hecho admirable de la formación de un ministerio de unión democrática de los dos partidos, pres-

MEJORES ALMACENES

Vanidad

A DE CONTROL

CAMBIOS VISA:

iente mes vence el término de nuevas solicitudes de importación. La misma a los formularios neces-

Manizales, Abril de 1948.

CUIDE SUS OJOS

Nuestro equipo científico para examen recientemente instalado, igual al utilizado por las mejores ópticas del mundo.

“OPTICA SUIZA”

CARTAGO. — CALLE REAL. — EDIFICIO VIREVA.

Nos ponemos a las órdenes del honorable cuerpo médico y de las personas cortas de VISTA.

Para nuestras actividades Optico-científicas hemos elegido la ciudad de CARTAGO, por ser un CENTRO TURISTICO NACIONAL.

VOLQUETAS Y JEEP NUEVOS — Emiliano Villegas Botero. — Teléfono 23.00

Ambos os jornais preocuraram, rapidamente, transmitir informações sobre o restabelecimento da ordem e da normalidade na Colômbia. Logo após os distúrbios do *Bogotazo*, o governo de Mariano Ospina Perez se preocupou em identificar e prender os cidadãos que tivessem participação no ocorrido, iniciando um intenso período de perseguição política. O restabelecimento da “ordem” foi pautado pela censura e violência.

Figura 11. Capa do jornal *El Tiempo*, de 15 de abril de 1948.

Figura 12. Capa do jornal *La Patria*, de 13 de abril de 1948.

Nota-se com as manchetes que havia uma preocupação em demonstrar que o governo havia recuperado o controle da situação, o que nos faz inferir que os editoriais tinham como objetivo “acalmar” a população e transmitir a ideia de paz e de controle do governo.

2.3.2 Repercussão do *Bogotazo* no Brasil: as duas vertentes de interpretação sobre o episódio

O conflito colombiano teve forte impacto no Brasil, uma vez que, ocorreu num momento em que a Guerra Fria orientava as decisões do governo e as versões disseminadas pela mídia, através de jornais de revistas de grande circulação.

Com o intuito de mostrar as diferentes interpretações sobre o *Bogotazo*, selecionamos três veículos de comunicação: os jornais *A Gazeta* e *O Estado de S. Paulo* e a revista *Cruzeiro*, dos Diários Associados, nos quais nos deparamos com as duas versões distintas sobre o acontecimento.

A primeira delas, a que foi amplamente divulgada, explicava o episódio a partir da propaganda da Guerra Fria e a outra, embora publicada na revista *Cruzeiro*, contesta a primeira, mas como se trata de uma voz isolada, certamente não teve grande impacto. A versão veiculada pela revista *Cruzeiro* foi exposta por um repórter especial, Murilo Marroquin, enviado pelos *Diários Associados* para Bogotá, que teve a oportunidade de presenciar os acontecimentos. Conforme veremos, a versão do jornalista procura explicar os conflitos recorrendo à história da Colômbia, dando destaque para a "violência" como principal traço identitário da cultura daquele país e foge da interpretação do assassinato e do *Bogotazo* como sendo um atentado comunista.

No que se refere à morte do líder colombiano, a notícia causou grande impacto no Brasil e foi registrada em reportagens, editoriais e artigos publicados em jornais brasileiros de grande circulação. Mas também foi assunto de muito interesse, a notícia da interrupção da XI Conferência Pan-americana em decorrência dos conflitos que resultaram do assassinato de Gaitán.

As notícias enviadas pelas grandes Agências de Notícias (*Associated Press*, *United Press*, *France Presse* e *Reuters*) eram reproduzidas nos jornais brasileiros e os jornalistas as comentavam a partir do filtro das agências de notícias estrangeiras, ou seja, incorporando a versão norte-americana de que o assassinato de Gaitán teria sido um atentado realizado por comunistas soviéticos contra a IX Conferência Pan-americana, em curso naquele momento

em Bogotá. Nesse sentido, a maioria dos jornais divulgou o assassinato atribuindo a autoria do crime a agentes comunistas.

O Brasil, no ano de 1948, era governado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra que, desde o início de seu governo, promoveu campanha intensa contra o comunismo. Uma de suas primeiras medidas foi colocar o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), na clandestinidade. Os membros desse Partido que tinham sido eleitos para os cargos de vereadores, deputados e senador, foram cassados. A perseguição aos comunistas foi intensa porque, no contexto da Guerra Fria, o Presidente brasileiro estava alinhado com os EUA. As medidas de repressão tinham o apoio de grande parte da sociedade brasileira que expressava forte sentimento anticomunista.

Vale lembrar que o anticomunismo, já latente no Brasil, exacerbou-se após a chamada *Intentona Comunista* de 1935, mas assumiu um caráter mais forte e abrangente no contexto da Guerra Fria, quando os EUA passaram a “exigir” solidariedade e unidade dos países latino-americanos na luta contra o perigo soviético.

Dentre os principais jornais de circulação nacional, *A Gazeta*, periódico paulista de circulação nacional, de propriedade da Fundação Cásper Líbero, foi escolhida para ser analisada porque, nesse jornal, encontramos a reprodução de muitas notícias e comentários de grandes agências de notícias internacionais: *Associated Press*, *United Press* e *Reuters* sobre o *Bogotazo*.⁵¹

Foi a partir das notícias veiculadas nesse jornal que nos demos conta do caráter propagandista dessa versão, ou seja, ela se explica a partir do contexto da Guerra Fria, e se encaixa como peça da propaganda política veiculada pelos Estados Unidos e seus aliados em oposição à União Soviética. Cabe lembrar que jornais e revistas de grande circulação no Brasil se identificavam e reproduziam argumentos do Bloco Ocidental tendo como bandeira a luta contra o comunismo.

⁵¹ Em pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, foram lidas e analisadas as reportagens referentes à Colômbia nas edições de 30 de março de 1948 a 30 de abril de 1948.

A Gazeta e O Estado de S. Paulo

A partir de março de 1948, a Colômbia já estava presente nas manchetes dos principais jornais brasileiros, devido a divulgação das notícias sobre a IX Conferência Pan-americana, sediada em Bogotá.

O jornal paulista *A Gazeta*, desde o início da cobertura da IX Conferência, expressava suas preocupações em relação à presença de comunista dispostos a fazer oposição à Conferência. No dia 01 de abril de 1948, foi escrito nesse jornal:

“Corporifica-se o sentimento anticomunista na Conferencia de Bogotá, por Joseph F. Mcvey.

O Chile dá o brado de alarme contra o perigo moscovita, conclamando a América a se unir contra o totalitarismo político que ameaça a paz. procurando impor ao mundo falarão hoje, Marshall e Bramuglia.”⁵²

A reportagem que se segue a esta "chamada" destaca o papel do chanceler chileno pronto a angariar adeptos para uma investida anticomunista mais ofensiva com relação a URSS. O Chile pedia a unidade dos vizinhos numa luta que, segundo o jornal, já está sendo travada: democracia versus comunismo soviético. *A Gazeta* reproduziu essa notícia com o intuito de reforçar a existência do perigo comunista. Nesse sentido, comentou que: "autoridades latino-americanas estavam mobilizadas para fazer frente a ele na Conferência mais importante das Américas".

As manifestações de anticomunismo eram frequentes no jornal. No caso das reportagens relacionadas à IX Conferência Pan-americana, tornaram-se mais constantes e radicalizadas.

Devido aos tumultos do dia 9 de abril de 1948 na Colômbia, os jornais brasileiros não receberam notícias acerca do evento. No entanto, já no dia 10 de abril de 1948, *A Gazeta* relatou o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán dando ênfase à revolta popular e ao surto de violência coletiva desencadeados em protesto contra o assassinato atribuído a inimigos políticos. Conforme vemos na capa da edição do dia 10 de abril de 1948:

⁵² *A Gazeta*, manchete de capa, 1º de abril de 1948.

**“INTERROMPIDAS TODAS AS COMUNICAÇÕES COM A
COLÔMBIA!**

Contraditórios os últimos despachos diretos de Bogotá e via Washington – O governo do Sr. Ospina Perez emitiu um comunicado anunciando estar senhor da situação – O assassinio do líder liberal Eliécer Gaitán foi a causa da revolta – Bogotá transformada numa praça de guerra – tiroteio e pilhagens por toda a parte – Acusados os comunistas de terem insuflado o movimento – elevado o número de mortos e feridos – invadido o Capitólio onde estava em curso a IX Conferência Pan-americana – prosseguirá o conclave?”

Figura 13. Capa do jornal A Gazeta, de 10 de abril de 1948.

PESSIMISMO...

Uma coisa impressionante com a situação em São Paulo. Como bom paulista, sinto coisas muito desagradáveis.

Seja pois pessimista!

REA CONCEIÇÃO, 88 — FONE: 4-13-94 e 97

Propriedade da Fundação CASPER LIEBOW

ANO XLII TELEGRAMAS: GAZETA

São Paulo — Sábado, 10 de Abril de 1948

CAXA POSTAL — N. 12.947

Interrompidas todas as comunicações com a Colombia!

Contraditórios os últimos despachos de Bogotá e via Washington — O governo do sr. Ospina Perez emitiu um comunicado anunciando estar senhor da situação — O assassinio do líder liberal Eliecer Gaitan foi a causa da revolta — Bogotá transformada numa praça de guerra — Tiroteio e pilhagens por toda parte — Acusados os comunistas de terem insuflado o movimento — Elevado o numero de mortos e feridos — Invadido o Capitólio onde estava em curso a IX Conferencia Panamericana — Prosseguirá o conclave?

O sr. Gaitan, presidente do partido liberal, foi assassinado em Bogotá, vítima de um atentado que se acredita ter sido planejado por elementos comunistas. O assassinato ocorreu durante uma reunião pública em Bogotá, onde Gaitan estava discursando. O ataque foi atribuído a um grupo de homens armados, cujos nomes não foram divulgados. O incidente causou grande consternação em Bogotá e em todo o país.

Defesa da saúde publica

As doenças das crianças são, sem dúvida, a maior causa de morte e incapacidade em Bogotá. O governo colombiano está tomando medidas para combater essas doenças, incluindo a distribuição de vacinas e a melhoria das condições sanitárias. A saúde pública é considerada uma prioridade para o governo.

A situação em Bogotá na manhã de hoje

Na manhã de hoje, a situação em Bogotá permanece tensa. Há relatos de tiroteios e pilhagens em várias partes da cidade. O movimento de pessoas é limitado, e há uma sensação de insegurança. As autoridades estão tentando manter a ordem e evitar o pior.

Tendo como fonte a Agência Internacional de Notícias norte-americana, Associated Press (AP), com sede em Washington, a reportagem seguiu descrevendo os acontecimentos, sugerindo que os comunistas podiam ser os responsáveis, não só pelo assassinato de Gaitán, como também, pela revolta que se travou posteriormente. O objetivo do suposto "assassino comunista" teria sido, segundo essa fonte, interromper as negociações entre os países americanos presentes na IX Conferência Pan-americana e insuflar uma revolução comunista no país. Segue abaixo um trecho da reportagem que exemplifica tal versão:

“O PAPEL DOS COMUNISTAS

Washington, 10 (AP) – Por Norma Carignan – Autoridades diplomáticas daqui examinaram os despachos de Bogotá a fim de determinar que papel estão desempenhando os comunistas na revolução da Colômbia.

O presidente daquele país, sr. Mariano Ospina Perez atribuiu, de pronto, a revolta a “uma manobra comunista” e prometeu prová-lo ulteriormente.

O presidente Mariano Ospina Perez emitiu um comunicado em que acusa os comunistas de insuflarem o levante. Disse ainda que estão sendo tomadas medidas para restabelecer a ordem.

Também declarou, o Sr. Ospina Perez, que a luta estava declinando.

Os líderes revolucionários, entretanto, afirmaram que a revolução estava se expandindo pelo país.

Nas primeiras horas do dia, os liberais proclamaram seu governo próprio.

Um despacho recebido no Departamento de Estado, na noite passada, indicou que os comunistas, no mínimo, estavam dando apoio aos rebeldes.

O apelo à greve geral para apoiar a revolução foi assinado por um membro do partido liberal rebelado e por um comunista.

As autoridades, apreciando essas notícias – bem como a mensagem vinda do embaixador Willard Beaulac – afirmaram

que a rebelião parecia estar sendo dirigida, principalmente por liberais – mas "estavam inclinadas à conclusão de que os comunistas se atiraram na luta para tirar qualquer vantagem que possam"

Podemos observar que o relato da agência de notícias *Associated Press* (AP) lançava suspeita em relação aos comunistas; além disso, comentava que os atos eram criminosos e poderiam desencadear uma revolução violenta capaz de se estender até o Brasil.

O "medo" do comunismo se explicitava, claramente, através do tom de ameaça que caracterizava as reportagens e notícias sobre o assassinato de Gaitán, interpretadas como um ataque comunista contra a democracia e a paz no Continente. O tom sensacionalista era evidente: descreviam pormenores da revolta fazendo menção, constante, à extrema violência da reação do povo colombiano frente ao assassinato do líder liberal.

Cabe mencionar outro texto extraído de uma reportagem também da AP, datado de 10 de abril de 1948:

“PANORAMA DA SITUAÇÃO

Washington, 10 (*Associated Press*) – O assistente do serviço de Imprensa do Departamento de Estado divulgou um relato recebido diretamente dos funcionários norte-americanos de Bogotá. Desde então ficaram interrompidas as comunicações com a embaixada por diversas horas.

As primeiras notícias haviam revelado que estava em curso renhida batalha de fuzis, defronte da embaixada dos Estados Unidos [...]

Um despacho recebido pelo Departamento de Estado, precedente de Bogotá informava que o Secretário Marshall estava incólume.

Outro despacho, divulgado pelo serviço de imprensa do Departamento de Estado, informava que as delegações presentes na Conferência estavam preocupadas, desde ontem, frente à perspectiva de um outro dia sem alimentos.

A mensagem enviada ao Departamento, por um grupo de jornalistas norte-americanos, informava:

“Foram pilhados todos os mercados de gêneros”. Disseram mais que centenas de pessoas, inclusive o pessoal das delegações estrangeiras estavam “encurralados” em edifícios situados na parte baixa da cidade, mas que não havia notícia de ocorrência grave com nenhum estrangeiro.

Segundo informe dos jornalistas americanos: “A cidade está transformada numa carniceria com seus principais edifícios da parte baixa destruídos pelos incêndios, lojas pilhadas, ruas cheias de destroços e cadáveres espalhados.”

Já no dia 13 de abril de 1948, *A Gazeta*, mais uma vez, incitou o medo em relação ao comunismo, com a seguinte manchete:

“INSTIGADA PELO BOLCHEVISMO INTERNACIONAL A REVOLTA NA COLÔMBIA

Marshall afirma que a revolução teve os mesmos moldes definidos das ocorrências que provocaram as greves em França e na Itália – a sedição objetivou exclusivamente a interrupção da Conferência Interamericana, a fim de perturbar o mundo ocidental. – o conclave prosseguirá em Bogotá mesmo.”

Figura 14. Capa do jornal A Gazeta, de 13 de abril de 1948.

Tal matéria, também oriunda da agência *Associated Press*, não era questionada pelo jornal e foi publicada comprovando, mais uma vez, a filiação de *A Gazeta* aos veículos norte-americanos que insistiam em atribuir os tumultos de Bogotá a ataques do Comunismo Internacional, a URSS. A matéria segue da seguinte forma:

“O MAIOR ATENTADO COMUNISTA NO HEMISFERIO

Bogotá, 13 (Reuters) – o secretário dos Estados Unidos, general George Marshall, falando aos delegados à Conferencia Pan-Americana, na sua virtual reabertura, descreveu a revolta colombiana como o “maior atentado comunista no hemisfério ocidental desde o termino da Guerra”.

O general Marshall revelou que os delegados das 21 nações se reunirão hoje, às 19h, para decidir se a conferencia continuará em Bogotá ou não, adiantando, no entanto, que é assunto praticamente resolvido, pois a grande maioria das delegações é favorável a tanto, uma vez que o governo colombiano se prontificou a fornecer todo o auxílio de que possam necessitar.

“Qualquer atitude que tomemos aqui deve ter em conta que não se trata de um assunto da Colômbia, nem da América Latina. É assunto que diz respeito a todo o hemisfério Ocidental”
– Concluiu o general Marshall.”

Nessa versão, o episódio era interpretado como resultante da ação de agentes externos infiltrados no país para organizar uma revolução comunista.

Fica claro, portanto, que *A Gazeta* incorporou e divulgou a interpretação dos norte-americanos sobre os fatos que ocorriam na Colômbia e contribuiu para a campanha de divulgação do perigo soviético. As posições anticomunistas do jornal revelavam a identificação dos representantes do periódico com os interesses dos EUA no contexto da Guerra Fria.

O mesmo se pode dizer com relação a outros jornais de grande circulação no país, o jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos maiores periódicos brasileiros da época, também estava noticiando diariamente os fatos da IX Conferência Pan-

americana, quando foi surpreendido pelo assassinato de Gaitán e a paralização do evento.

Assim como *A Gazeta*, *O Estado de S. Paulo* recebia as informações por meio das agências de notícias estrangeiras, como a AFP (*Agence France-Presse*), uma das maiores agências francesas.

Na capa da edição do dia 10 de abril de 1948, o Estado de S. Paulo noticiava os acontecimentos de Bogotá da seguinte forma:

“GRAVÍSSIMOS ACONTECIMENTOS IMPEDEM O
PROSSEGUIMENTO DOS TRABALHOS DA IX CONFERÊNCIA
PAN-AMERICANA DE BOGOTÁ

O assassinio do líder do Partido Liberal, Sr. Jorge Eliécer Gaitán, verificado na capital colombiana, provocou violenta reação popular que se transformou em revolução, com trágicas consequências – invadidos pelo povo amotinado diversos departamentos governamentais, inclusive o palácio do capitólio, onde se realiza a Conferência Pan-americana – formação de uma junta revolucionária – tiroteios e saques em diversos pontos de Bogotá – *atribuída aos comunistas a responsabilidade pelos acontecimentos* – determinada a greve geral – o governo do sr. Ospina Perez tenta reconquistar o domínio da situação – notícias contraditórias sobre a sorte de membros do gabinete – a Argentina e o Uruguai retiram-se da Conferência Pan-americana.”

Figura 15. Capa do jornal O Estado de S. Paulo do dia 10 de abril de 1948.

Cruzeiro

Surpreendentemente, a revista *Cruzeiro*, que também se caracterizava pelas posições anticomunistas, publicou, em sua edição do mês de maio de 1948 uma versão distinta sobre o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán e sobre o *Bogotazo*.

O jornalista Murilo Marroquin, enviado especial dos *Diários Associados*, para Bogotá, com a missão de cobrir a IX Conferência Pan-americana, teve a oportunidade de presenciar os conflitos durante os três dias de fúria da população. Tal experiência permitiu que ele fizesse um relato do episódio distinto das interpretações publicadas em *A Gazeta* e no *O Estado de S. Paulo*.

Ao contrário do que os demais jornais afirmaram e noticiaram a partir das notícias enviadas, principalmente, de Washington, Marroquin afirmou que não viu nos tumultos de 9 de abril de 1948 uma revolução comunista e, tão pouco, uma tentativa de se tomar o poder por parte do bolchevismo internacional. Segundo jornalista, a população não estava organizada, não havia uma liderança:

“[...] a massa não tem líderes e sua revolta é pura orgia coletiva.”

O relato de Marroquin apresenta uma versão diferente dos fatos que, em certo sentido, vai de encontro às interpretações da historiografia colombiana atual que discordam da ideia do *Bogotazo* como uma revolução comunista, ou mesmo liberal para a tomada do poder, concluindo que a revolta do povo foi espontânea e não teve líderes. O assassinato de Gaitán, segundo estudiosos do tema, significou um estopim para a explosão de uma violência coletiva latente e inerente à cultura colombiana.

Ele dá ênfase à dor e ao desespero de bogotanos que apoiavam o líder comprometido com as demandas dos setores populares. Neste sentido, ele comentou que:

“Desorientado com a notícia, o povo embriaga-se e chora. O chofer que nos trouxe até as proximidades do centro da cidade, soluçava. Uma revolta de gritos e prantos não é

possível: portanto, arrombaram-se os armazéns para a excitação alcoólica: arrombam-se as casas de ferragens para as mais estranhas armas de combate – facas, facões, espadas, martelos, enxadas, surjam patéticas como num filme de *far-west*, as longas carabinas de caça.”

Em sua narrativa, Marroquin compara a situação vivida no dia 9 de abril de 1948 com episódios das lutas ocorridas no período das Guerras de Independência da Colômbia no final do século XIX, procurando mostrar que a reação do povo colombiano se explicava a partir de um traço da cultura desse povo.

O jornalista fez um relato emocionado sobre os acontecimentos em Bogotá e chegou à conclusão de que os tumultos revelavam uma reação espontânea das massas frente ao sofrimento de ver morto um líder carismático e popular, como Gaitán. Afirmou, no decorrer do texto:

“[...] O fato é que esta é uma revolução latina que não estava devidamente marcada, como é tão comum na América do Sul: a população não sabia da sua hora de início e não fizera provisões clássicas para uma semana, no armazém da esquina. A simples morte de Gaitán fez lavrar o incêndio no porão da alma bogotana.”

Com o intuito de corroborar sua interpretação do episódio, o jornalista buscou explicações na história da Colômbia e chamou atenção para um traço da cultura política colombiana, ou seja, a violência que marcou a trajetória do país desde os primórdios da formação da nacionalidade. Conforme vemos no seguinte trecho:

“Depois de terminada esta reportagem, caiu-me nas mãos um “Compêndio de la Historia de Colômbia:”, de Jesus Maria Henao e Gerardo Arrubla. À página 94, na luta pela independência, (1810) há este trecho:

Com a noite, cresceu a excitação; tocava-se fogo nas igrejas; os habitantes dos pontos mais extremos da cidade

aludiam ao chamado, e o povo, com armas brancas, precipitou-se sobre o Palácio do Vice-Rei, situado no extremo norte do costado ocidental da praça hoje chama Praça Bolívar...”

Como se pode notar, a interpretação do repórter dos *Diários Associados*, publicada em sua revista de grande circulação nacional, *Cruzeiro*, é bem distinta da que vinha sendo divulgada, a partir de Agências de Notícias estrangeiras (norte-americanas, especialmente) e corroborada pelos jornais da grande imprensa brasileira.

A interpretação do jornalista que vivenciou o fato, embora singular, apresentou uma versão das manifestações de revolta que se aproxima das interpretações mais atuais sobre esse fato histórico.

A interpretação dos jornais da grande imprensa brasileira e de outros países do continente sobre o episódio que ocorreu na Colômbia, se limitaram a reforçar, desde os primórdios da Revolução Russa, as imagens do comunismo como grande ameaça, não só à Colômbia e ao Brasil, mas à Civilização Ocidental como um todo. Os episódios trágicos que ocorreram no país vizinho contribuíram para ampliação da propaganda anticomunista, neste caso, acrescida da exploração de um sentimento de pânico que se espalhou pelo continente.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E MEMÓRIAS DO 9 DE ABRIL DE 1948

Para una gran mayoría de la población, el asesinato de Gaitán y el levantamiento popular que le siguió, represento una de las grandes frustraciones en la vida del país. El caudillo liberal había creado una expectativa de mejoramiento y de reforma social y una atmosfera positiva impregnaba el ambiente cargándolo de renovadas esperanzas en una mañana promisoría. [...]

Al momento de su muerte, su prestigio y su arrastre de multitudes tenían dimensiones colosales. Aún en su próprio partido, los jefes que no simpatizaban com sus ideas, com sus tácticas y com su estilo que tenían por populista, y que lo habían criticado o le habían disputado el liderazgo, no tuvieron más remédio que aceptarlo como jefe único.⁵³

53 CARMONA, Darío Acevedo. *Política y caudillos colombianos em la caricatura editorial, 1920-1950: Estudios de los imaginários políticos partidistas*. Medellín: La Carreta Editores, Universidad Nacional de Colombia, 2009. p. 115.

3.1. Os impactos imediatos do episódio traumático na Colômbia

Diante dos transtornos ocasionados pelo *Bogotazo*, no dia 10 de abril, o governo de Mariano Ospina Perez emitiu três decretos: o primeiro declarava estado de sítio em todo território nacional, o segundo em honra a morte de Gaitán e o terceiro nomeando Dário Echandía como chefe do novo gabinete ministerial da União Nacional.

Além disso, devido aos incêndios ocorridos nos três dias de distúrbios no centro de Bogotá, a administração judicial do país ficou paralisada, pois o Palacio de Justicia, o Tribunal Superior del Distrito Judicial e a sede da Procuraduría General de la Nación foram destruídas pelas chamas. No interior do país muitos fóruns também foram incendiados a ponto de paralisar os trabalhos do judiciário em toda Colômbia: houve queima de arquivos judiciais. Penitenciárias foram invadidas pelos revoltosos que, em alguns lugares, abriram as portas permitindo a fuga de presos.

Apesar desse tumulto generalizado, o governo se mostrou mais preocupado em encontrar e criminalizar os “culpados” pelos transtornos de 9 de abril e dos dias seguintes. Para isso, foram criados juzgados especiais (Juzgados de Instrucción Criminal) com o intuito de investigar os delitos de homicídios, saques, roubos, incêndios. Ou seja, o Estado se preocupou, basicamente, em punir os cidadãos que tivessem tido algum tipo de participação nos distúrbios iniciados em 9 de abril.

Nesse contexto, houve um acirramento da censura aos meios de comunicação, especialmente, a jornais e emissoras de rádio. As estações de rádio que haviam sido destruídas durante o *Bogotazo* tiveram que solicitar novas licenças de funcionamento ao *Ministerio de Correos e Telégrafos* e muitas foram negadas. Muitas emissoras perderam a licença de funcionamento com a alegação do Ministério de que haviam transmitido notícias falsas ou subversivas durante os transtornos de abril. As rádios que sofreram maior censura em Bogotá foram: *La Voz de Bogotá*, *Ondas Bogotanas*, *Radio Cristal*, *Ondas Comerciales*, *Emissora Panamericana* e *Emissora Nueva Granada*.

É importante destacar que o governo de Ospina Pérez recebeu apoio de representantes dos poder legislativo, inclusive do Partido Liberal e do Exército, para reestabelecer a ordem no país e recuperá-lo da crise que se instaurou após o assassinato de Gaitán.

Mas ainda nessa crise, como salienta o historiador colombiano Gonzalo Sanchez:

“[...] era necesario, pues, combinar adecuadamente el halago y la recompensa a los fieles, con el castigo a los desleales.”⁵⁴

Esse foi o caso, por exemplo, dos policiais que se aliaram aos insurgentes nos distúrbios de abril e foram, por isso, considerados desertores e afastados da corporação, num processo de destituição massiva de oficiais. Já o Exército acabou fortalecido, alguns de seus oficiais de alta patente foram promovidos a cargos ministeriais.

Os inúmeros prejuízos causados pelo *Bogotazo* tiveram forte impacto na economia colombiana. O Ministério da Fazenda tomou medidas urgentes para restabelecer a saúde econômica do país. O primeiro passo foi ampliar os prazos para pagamento do imposto de renda referente ao ano de 1947 àqueles contribuintes que tiveram perdas materiais ocasionadas entre os dias 9 e 15 de abril de 1948. Além disso, os proprietários que tiveram seus imóveis parcialmente destruídos ficaram isentos do pagamento de impostos prediais. Para auxiliar o governo com das medidas de caráter econômico foi criado um comitê, chamado *Comité de Crédito Público y Assuntos Económicos*. Com relação às medidas econômicas empreendidas pelo governo, o Ministro da Fazenda, José María Bernal, esclareceu que:

Las desventuradas ocurrencias del 9 de abril pasado, que produjeron un serio quebrantamiento en todos los aspectos de la Nación, implica una fuente de nuevas obligaciones que es inevitable llenar en alguna forma. El sostenimiento de un

⁵⁴ SÁNCHEZ, Gonzalo Gomez. *Los días de la Revolución: gaitanismo y 9 de abril en provincia*. Bogotá: Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984. p. 146.

Ejército sensiblemente más numeroso que el ordinario; la dotación para nuevos e inaplazables servicios de seguridad; la urgência de tomar medidas encaminadas a la pacificación del país y al robustecimiento de su economía; la indiscutible urgência de atender a servicios sociales que procuren un sano equilibrio entre los distintos grupos de colombianos, son necesidades que han surgido con más protuberância que antes, y que representan gastos inmediatos a los cuales es indispensable atender com recursos ordinários, ya que, en su mayor parte, no son gastos a los cuales, dentro de uma sana política, deba atenderse com recursos de crédito.⁵⁵

Gonzalo Sanchez afirma que essas medidas implementadas pelo Governo de Ospina Pérez após o 9 de abril foram bem sucedidas e acabaram servindo para se manter o *status quo*. Com relação a este aspecto, o autor conclui:

En realidad el 9 de abril había servido de pretexto a las clases dominantes para una completa reorganización del Estado el cual, ao término de 1948, se encuentra financeiramente fortalecido, ampliados y cualificados sus aparatos de represión, extendidos sus mecanismos de control político y social. La Ley 82 de diciembre 10 de 1948 mediante la cual se concebe “amnistía a los processados o condenados por delitos contra el régimen constitucional y contra la seguridad interior del Estado, cometidos com ocasión de los sucessos del 9 de abril”, es a lo sumo una contraprestación a la colaboración liberal en este proceso de reordenamento estatal pero no un signo de debilidad frente a un peligro potencial. Las classes dominantes disponen ya de todas las armas para enfrentar el más mínimo brote de rebeldia de las masas.⁵⁶

⁵⁵ BERNAL, José María. Exposición del Señor Ministro da Hacienda y Crédito Público, José María Bernal, sobre la situación fiscal del país”, 11 de junho de 1948. (Diário Oficial). In: SÁNCHEZ, Gonzalo Gomez. Los días de la Revolucion: gaitanismo y 9 de abril em província. Bogotá: Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984. p. 150.

⁵⁶ Op.Cit. p. p.150.

O *Bogotazo* foi controlado na capital, porém, no interior, os grupos gaitanistas, mais organizados, persistiram e o movimento se estendeu por mais tempo. O 9 de abril de 1948 foi uma experiência frustrada em Bogotá, porém desdobrou-se nas províncias e, por isso, a data é vista como um “divisor de águas” e ponto de acirramento do período de violência político-partidária. Dai a denominação *La Violencia* referente ao período que se estendeu de 1948 até 1957, e teve desdobramentos posteriores.

3.2. Memórias do episódio

Ulpiano Bezerra de Menezes definiu a memória coletiva como:

[...] um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupos, é preferível falar de redes de inter-relações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas.⁵⁷

A partir dessas observações, levaremos em conta, nestas reflexões sobre a memória do episódio colombiano, que ela se caracteriza por ser parcial e seletiva e, muitas vezes, limitada. Lembrar implica em selecionar, mesmo que de forma involuntária: não há memória total, e muito dificilmente a memória pode ser considerada imparcial.

A memória é composta por lembranças e esquecimentos, cabendo ao indivíduo a seleção do que pode ou deve ser lembrado e do que convém ser esquecido. De acordo com o sociólogo e filósofo Daniel Lins:

[...] recordar é sempre, de uma maneira ou de outra, esquecer algo, pois é mudar o olhar retrospectivo e recompor assim uma outra paisagem do passado. Trata-se, pois, de criação e não de repetição ou redundância vazia.⁵⁸

⁵⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. "A História, cativa da memória? – Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais". *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 34: 9-24. 1992. p. 15.

⁵⁸ LINS, Daniel. "Memória, Esquecimento e Perdão (Per-Dom)". In: *Memória e Construções de Identidade*. Org: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes e MORAES, Nilson Alves de. Coleção: Mestrado Memória Social e Documento. Editora 7Letras: Rio de Janeiro 2000. p. 13.

A reconstituição da memória sobre um acontecimento tão intenso, violento e marcante da história colombiana, como o *Bogotazo*, é uma tarefa que exige cautela uma vez que estaremos trabalhando no campo das ideias e imaginários. A cautela deve-se ainda ao fato de que o 9 de abril de 1948 faz parte de um passado recente e, do ponto de vista historiográfico, há que se levar em conta que muitos colombianos são ainda testemunhas vivas desse conflito que pode ser caracterizado como um dos maiores, se não o maior, surto de violência coletiva espontânea ocorrido no país. Ou seja, podemos dizer que se trata de uma memória traumática, sobretudo para os que participaram dos conflitos.

Pelos limites desta pesquisa, é preciso esclarecer que não se trata de uma proposta de análise de uma "memória coletiva". Muitos colombianos e estrangeiros foram testemunhas dos acontecimentos de 9 de abril de 1948, porém nos limitamos a mencionar alguns testemunhos de personalidades que se tornaram conhecidas e relevantes no cenário mundial, como foi o caso do cubano Fidel Castro e do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Ambos vivenciaram o 9 de abril de 1948 e deixaram registradas suas memórias pessoais, respectivamente, no romance autobiográfico *Viver para contar*, de García Márquez⁵⁹ e numa entrevista concedida por Fidel, já presidente cubano, ao jornalista e escritor colombiano Arturo Alape, em 1981.⁶⁰

⁵⁹ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

⁶⁰ ALAPE, Arturo. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway*. Entrevistas. Havana: Editora Política La Habana, 1984.

3.2.1. Fidel Castro: memórias de um líder político

Válida como um testemunho, a entrevista pode ser encarada como uma espécie de “documento de memória”. Guiado, ou não, pelo entrevistador, o entrevistado irá, a partir das perguntas colocadas, narrar suas experiências, suas memórias, expor seu ponto de vista, sua versão ou sua opinião sobre alguém ou algum acontecimento. Neste caso, o interlocutor atua como fio condutor da memória do indivíduo, embora o entrevistado possa, eventualmente, se esquivar e fugir das indagações, alterando o rumo da entrevista.

No entanto, como o testemunho é a maneira mais comum de se ter acesso à memória do sujeito, deve-se estar atento ao fato de que o seu relato não está isento da “traição”, fabricação ou idealização de suas memórias. É a partir dessa perspectiva que analisaremos as memórias do líder político, Fidel Castro, referentes à sua presença e participação nos acontecimentos de 9 de abril de 1948 em Bogotá.

Fidel foi uma das figuras políticas mais polêmicas e contestadas do século XX. Persuasivo, carismático, de personalidade marcante, acabou se tornando um mito. Ainda nos tempos de estudante de Direito na Universidad de la Habana, se destacava na militância estudantil, participando da oposição ao governo de Ramón Grau San Martín, presidente cubano da época.

Em 1948, aos 22 anos de idade, Fidel Castro já tinha atuado como ativista no movimento pró-independência de Porto Rico e participado de atividades políticas em Cuba. Defendia a devolução do Canal do Panamá, em poder dos EUA, além de se demonstrar interesse, tanto na efervescência do movimento estudantil que ocorria na Venezuela, como na atuação contraditória do Presidente argentino Domingos Perón, em relação aos EUA. Desde essa época, (final dos anos 1940), já se opunha à política norte-americana e lutava contra o seu domínio na América.

Seu testemunho sobre o 9 de abril de 1948 tem grande valor como fonte histórica, mas não se pode deixar de levar em conta suas posições ideológicas e políticas implícitas nesse relato sobre o episódio. E acima de tudo, é importante destacar o fato de que ele é fruto de uma entrevista que ocorreu em 1981, ou seja, mais de 30 anos depois dos acontecimentos.

Assim, é com base na entrevista consentida por Fidel, em 25 de setembro de 1981, ao jornalista e escritor colombiano Arturo Alape sobre sua participação no *Bogotazo*, que apresentamos as memórias desse líder presenciou e participou desse acontecimento. A entrevista faz parte da obra *El Bogotazo: memórias del olvido* publicada em 1983.⁶¹

Segundo o entrevistador, as lembranças de Fidel Castro sobre o 9 de abril de 1948 assumem grande significado uma vez que a figura do líder cubano é sempre lembrada quando o episódio colombiano é comentado.

“Fidel siente como suya esa historia, esos días de abril que vivió en Bogotá.”⁶²

Foi a partir dessa proximidade com o entrevistado que o entrevistador retatou as suas memórias sobre o 9 de abril de 1948.

Não se pode negar que a imagem de Fidel exercia forte atração sobre o jornalista. Em diversos momentos da entrevista, Alape se diz extremamente envolvido com as palavras do comandante, pois seu discurso era “embriagante”, chegando, muitas vezes, a emocioná-lo. O entrevistador, não oculta, em nenhum momento, seu posicionamento favorável a Fidel.

Alape compara a memória do líder a uma máquina, e se impressiona com sua habilidade de relatar os fatos vividos há trinta e três anos com tamanha precisão. Mas também se refere ao fato de que, ao narrá-los, Fidel admitia que, embora tivesse excelente memória, poderia, eventualmente, não se lembrar de detalhes relativos ao episódio:

Dada impresión de que había dado rienda suelta a su memoria y ahora comenzaba a representaria. Era um Fidel distinto, actuaba em su próprio papel. [...] Palabras expresadas com voces agudas em las situaciones más dramáticas; pausadas em

⁶¹ ALAPE, Arturo. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway*. Entrevistas. Editora Política/ La Habana, 1984. Para a finalidade desta análise, utilizaremos somente a entrevista, que foi recortada dessa obra de Alape e, editada em 1984 por uma editora cubana, a Editora Política, junto com outra entrevista sobre Fidel e sua participação em Hemingway, originando o pequeno livro *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway*. A entrevista foi conseguida por intermédio do escritor colombiano, amigo de Fidel, Gabriel García Márquez, e acontece na casa do vice-ministro da cultura de Cuba, Nunez Jimenez em Havana.

⁶² Idem. p. 5.

la reflexiones; repetitivas cuando era necesario retener la experiencia [...] Es un narrador por naturaleza. Um actor multifacetado, que actua desde adentro; vive su papel, lo imagina y lo enriquece, se apropiado de su personaje.⁶³

No início de 1948, diante da notícia da IX Conferência Pan-americana em Bogotá, Fidel e um grupo de estudantes cubanos, em contraposição a esse evento, idealizaram a realização de um congresso de estudantes latino-americanos na Colômbia com o intuito de lutar pela democracia na América Latina e contra o imperialismo norte-americano no continente. Esse foi o motivo que levou Fidel à Bogotá naqueles dias de abril.

Antes, porém, Fidel e demais estudantes passaram por alguns países latino-americanos para divulgar a Conferência Latino-americana de Estudantes. Fidel relatou que foi muito bem recebido nesses países e que teve pleno apoio dos estudantes que estavam também engajados na luta da esquerda latino-americana anti-imperialista.

Chegou a Colômbia no dia 3 de abril de 1948, poucos dias antes do *Bogotazo*, e logo entrou em contato com estudantes universitários colombianos. Por intermédio deles, no dia 7 de abril, ele conseguiu conversar com Gaitán sobre o Congresso Estudantil e o líder, segundo seu relato, mostrou-se bastante interessado e se propôs a fazer o encerramento do evento em cerimônia que seria realizada num estádio.

Ao ser questionado por Alape sobre suas impressões sobre Gaitán, Fidel afirmou ter ficado muito impressionado, tendo uma impressão extremamente positiva, primeiro devido a sua popularidade no meio estudantil e depois, pela conversa entre ambos na qual constatou o quão inteligente, sagaz e eloquente era o líder, além de excelente advogado; admirou-o, também, por sua posição progressista contrário ao governo conservador e sua oposição a OEA.

Observa-se, na entrevista de Fidel, que havia uma tentativa de salientar sua admiração pelo líder assassinado.

Lembrou o dia 9 de abril com grande entusiasmo. Naquele dia, saiu do hotel após o almoço e, com outro estudante, rumou com destino à Cerrera

⁶³ Idem. p.8.

Sétima para se encontrar com Gaitán em seu escritório. No caminho, foram surpreendidos por gritos: “Mataram Gaitán!” e muitas pessoas correndo pelas ruas.

Sem saber ao certo o que tinha acontecido, continuaram andando e, no caminho, presenciaram cenas de violência, que não faziam sentido, como a de um homem esfaqueando uma máquina de escrever com as próprias mãos, manifestantes quebrando vitrines, automóveis e outros objetos.

Para Fidel o *Bogotazo* foi uma manifestação espontânea das massas: as pessoas não estavam organizadas, ao contrário, reinava uma desordem preocupante. Sentiu preocupação porque tinha a noção clara de que não se tratava de um movimento organizado, favorável a uma revolução e se perguntou como fariam os líderes do Partido Liberal para colocar ordem naquela violenta explosão. Descreveu a cena do povo invadindo o Parlamento, destruindo objetos. Como a polícia nada fez para impedir esses atos, concluiu que os policiais eram a favor da manifestação que reagia, em fúria, contra o assassinato de Gaitán. Definiu a cena como um incrível espetáculo.

Deu-se conta de que se tratava de movimento de grande porte quando, voltando para o hotel para se encontrar com os outros estudantes cubanos, deparou-se com uma multidão armada, com paus e revólveres, que se dirigia a uma divisão policial. Diante dessa cena, decidiu se juntar à massa, por acreditar que estava vivendo uma verdadeira revolução popular e, segundo afirmou na entrevista, foi nesse momento que teve a consciência da importância do acontecimento e que o levou a tomar a seguinte decisão:

[...] yo voy y me uno a la multitud. Yo me incorporo em las primeras filas de esa multitud y voy para la División de Policías. Veo que hay una revolución andando, y decido sumarme como um hombre más, uno más. Yo, desde luego, no tenía ninguna duda de que el pueblo estaba oprimido, de el pueblo que se estaba levantando tenía razón, de que la muerte de Gaitán era um gran crimen, y adopto partido.⁶⁴

Chegando à Quinta Divisão Policial, Fidel se vestiu com um gorro e um capote de polícia, se armou com um fuzil, e, segundo ele, se preparou para lutar

64 Idem.. p. 10.

ou para morrer pela causa colombiana, mesmo percebendo que as massas não estavam completamente conscientes dessa causa e que faltava ali uma liderança capaz de comandar um movimento organizado.

Durante três dias o povo esteve nas ruas, quebrando, invadindo, incendiando prédios públicos e ônibus, bebendo e principalmente saqueando.

Nesses dias, segundo Fidel, ele permaneceu na Quinta Divisão Policial pensando em uma estratégia militar para pôr ordem nos acontecimentos, mas esclareceu que não pôs essa ideia em prática porque se deu conta de que o comandante não o teria ouvido.

O fim do *Bogotazo* se deu através de um acordo feito entre os líderes do Partido Liberal e o governo conservador de Ospina. Para Fidel esse acordo representou uma traição do Partido Liberal para com o povo, pois o governo não cumpriu a promessa de paz e saiu numa “caça” incessante aos revoltosos, dando continuidade à violência das ruas. Comentou que, por esse motivo, guardava uma imagem extremamente negativa do Partido Liberal colombiano que foi, em sua opinião, incapaz de conduzir o povo e de ocupar o lugar de Gaitán.

Para Fidel, a morte de Gaitán correspondeu à morte de uma esperança e o estopim de um movimento violento, sem direção.

Com o fim do *Bogotazo*, Fidel e os outros estudantes estavam encurralados, mas conseguiram asilo na embaixada cubana e voltaram para Cuba junto com a delegação cubana que participaria da IX Conferência Pan-americana.

Ainda nessa entrevista, Fidel afirmou que não teve nenhuma responsabilidade em relação ao *Bogotazo*, e que fora à Colômbia única e exclusivamente para participar do Congresso dos Estudantes. Neste sentido, afirmou:

La gran verdad es que nosotros no tuvimos nada que ver con aquello y lo que hicimos, como jóvenes estudiantes, como gente idealista, como gente quixotesca, nos sumamos a la sublevación del pueblo [...].⁶⁵

⁶⁵ Idem. p. 15.

Como se pode notar, a visão de Fidel sobre o *Bogotazo* estava comprometida com suas ideias posteriores. Embora tenha participado das ações de protesto ao acompanhar a marcha dos manifestantes, sua análise sobre o significado do movimento como uma explosão espontânea da população em furia, que tinha potencial para se tornar uma revolução, mas isso não ocorreu pela falta de organização, permitem supor que essa avaliação foi feita à posteriori, a partir de suas experiências revolucionárias, ou seja, quando pode constatar, na prática, a importância da organização e da presença de lideranças na condução de um movimento para que a Revolução fosse bem sucedida.

Afirmou ter participado efetivamente do *Bogotazo*, junto aos soldados, aos subversivos e junto ao povo. Comentou que, naquele momento já tinha ideias revolucionárias, embora ainda não tão bem fundamentadas, mas batalhava pela “unidade latino-americana”, contra o imperialismo. Tinha tido contato com leituras marxistas leninistas, porém não era ainda uma marxista leninista, e muito menos um comunista como afirmaram os políticos conservadores colombianos que o acusaram.

O 9 de abril de 1928 exerceu uma grande influência em sua vida, segundo Fidel. Justamente por ter vivido esse momento de explosão de um movimento popular na Colômbia, que resultou em derrota pela falta de organização, ele se esforçara para fomentar em Cuba uma consciência política e dessa forma evitar que ocorresse em seu país algo similar ao que ocorreu na Colômbia. No entanto, reforçava a ideia de que, mesmo naquele episódio, identificou no povo colombiano valentia e heroísmo e que muito o impressionou, positivamente, aquele fenômeno de explosão de um povo oprimido.

Numa retrospectiva dos momentos vividos numa época muito distinta da que vivia quando foi realizada a entrevista, é possível supor que, narrando os fatos numa situação em que já era líder de uma Revolução consagrada, ele tenha atribuído heroísmo aos atos de rebeldia dos colombianos, deixando evidente uma idealização dessa memória. Ou seja, Fidel ao interpretar o passado com os olhos do presente, confirma a conclusão de Ecléia Bosi, especialista no tema da memória, quando afirma:

[...] O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado

em que estava naquela altura da História, reafirmando sua posição ou matizando-a.⁶⁶

O 9 de abril deixou marcas positivas nas memórias de Fidel. No entanto, bem distintas das marcas que ficaram na memória de muitos dos colombianos que participaram das revoltas ou as assistiram.

66 BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queirós Editor Ltda, 1979. p. 371.

3.2.2. Gabriel García Márquez: memórias de um escritor

O escritor colombiano Gabriel García Márquez nasceu na região de Aracataca, próximo à Barranquilla, em 1928. É considerado um dos maiores escritores latino-americanos do século XX. Criador do estilo realismo-fantástico, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura pela obra *Cem anos de solidão*, em 1982. Morreu na Cidade de México, em 2014, deixando um legado literário muito relevante.

Em 1948, García Márquez vivia em Bogotá, onde fazia o curso de Direito. Estava na cidade no fatídico dia 9 de abril e presenciou a reação de extrema violência da população diante do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán.

Embora não tenha participado ativamente do *Bogotazo*, o episódio teve importante papel em sua trajetória de vida. Por conta do impacto da violência que presenciara naqueles dias, mudou-se de Bogotá para Cartagena e passou a viver uma nova fase de sua vida, como escritor.

Cinquenta anos após o 9 de abril de 1948, ou seja, em 2002, García Márquez publicou um romance autobiográfico, *Viver para contar*, no qual dedica algumas paginas às suas memórias sobre o *Bogotazo*.

Inicia seu relato, comentando que, na época, tinha pouca consciência política:

Creio que naquele momento não tínhamos ainda consciência das terríveis tensões políticas que começavam a perturbar o país. Apesar do prestígio de conservador moderado com que Ospina Pérez chegou ao poder, a maioria de seu partido sabia que a vitória só tinha sido possível por causa da divisão entre os liberais.

[...] Jorge Eliécer Gaitán, porém, não interrompeu um único dia sua campanha eleitoral para a eleição seguinte, e radicalizou-a apresentando um programa de restauração moral da República que superou a divisão histórica do país entre liberais e conservadores, e aprofundou-a com um corte horizontal e mais realista entre exploradores e explorados: o país político e o país nacional. Com seu grito histórico – “Ao ataque!” – e sua energia sobrenatural, esparramou a semente da

resistência mesmo nos derradeiros rincões, com uma campanha gigantesca de agitação que foi ganhando terreno em menos de um ano, até chegar às vésperas de uma autêntica revolução social.⁶⁷

Após uma breve contextualização do momento político e social colombiano, menciona a IX Conferência Pan-americana e ressalta a ausência de Gaitán no evento, para o qual não havia sido convidado.

Na sequência, García Márquez descreve o exato momento em que soube da morte de Gaitán:

Nesse clima intenso me sentei para almoçar na pensão onde morava, a menos de três quarteirões de distância [do assassinato de Gaitán]. Não tinha me servido a sopa quando Wilfrido Mathieu [estudante de medicina, amigo do escritor] se plantou espantado na frente da mesa.

– Esse país se fodeu – me disse ele – Acabam de matar Gaitán na frente do El Gato Negro.

Mathieu era um exemplar estudante de medicina e cirurgia, nativo de Sucre como outros inquilinos da pensão, e padecia de presságios sinistros. Uma semana antes havia nos anunciado que o fato mais iminente e terrível, por causa de suas consequências arrasadoras, poderia ser o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán. Acontece que já não impressionava ninguém, porque não fazia falta nenhum presságio para supor isso.⁶⁸

É interessante observar que, embora não se tenha evidências de que o crime tenha tido causas políticas, García Márquez insinua que a morte de Gaitán era um fato previsível, uma vez que sua atuação política girava em torno de denúncias contra os desmandos e a violência dos poderosos. Desta forma, Márquez deixa perceber, nas entrelinhas, que a versão oficial do assassinato não lhe convencia.

⁶⁷ MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. pp. 269-270.

⁶⁸ Idem, p. 273.

O escritor prossegue a narrativa, relatando o desenrolar do surto de violência que se seguiu ao assassinato. Destaca o linchamento do suposto assassino, Juan Roa Sierra:

[...] – Guarda – suplicou quase sem voz –, não deixe que me matem.

Jamais conseguirei esquecer-lo. Tinha os cabelos revoltos, uma barba de dois dias e uma lividez de morto com os olhos sobressaltados de terror. Vestia um terno marrom muito usado com listras verticais e as lapelas esfrangalhadas pelos primeiros puxões da turba. Foi uma aparição instantânea e eterna, porque os engraxates o arrebatarem dos policiais a golpes de caixas e de madeiras e o arremataram a pontapés.⁶⁹

Um pouco mais adiante, Gabriel relata a presença de Fidel Castro no episódio. Grande amigo do presidente cubano, o escritor destaca a presença dele no Bogotazo. Porém, narra a participação de Fidel endossando a versão do amigo, o que se explica pelo fato de terem se conhecido posteriormente. Portanto, como ele mesmo esclarece, seu relato sobre Fidel foi baseado nas memórias de presidente e não nas suas próprias, conforme vemos no trecho a seguir:

Naquele tumulto incontrolável estava o líder estudantil cubano Fidel Castro, de vinte anos, delegado da Universidade de Havana a um congresso estudantil convocado como uma réplica democrática à Conferência Pan-americana. [...]

Conforme ele próprio contou em diferentes meios e ocasiões, e nas intermináveis conversas que tivemos sobre o assunto ao longo de uma velha amizade, Fidel teve a primeira notícia do crime quando rondava pelos arredores, pois havia chegado com antecedência para o encontro das duas da tarde. De repente foi surpreendido pelas primeiras hordas que corriam esbaforidas, e pelo grito geral: — Mataram Gaitán!⁷⁰

⁶⁹ Idem, p. 274.

⁷⁰ Idem, pp. 276 – 277.

Diferentemente de Fidel, García Márquez não participou dos tumultos iniciados em 9 de abril. Relata que se refugiou na casa de um tio, próximo à pensão em que morava e passou os dias do tumulto afastado da revolta, acompanhando os acontecimentos pela rádio. Com relação às notícias veiculadas, García Márquez comentou o seguinte:

[...] Em vez dos proclames de guerra, as notícias pretendiam então tranquilizar o país com o consolo de que o governo era dono da situação, enquanto a alta hierarquia liberal negociava com o presidente da República a metade do poder.

Na verdade, os únicos que pareciam atuar com sentido político eram os comunistas, minoritários e exaltados, e no meio da desordem das ruas dava pra vê-los dirigir a multidão – como guardas de trânsito – na direção dos centros de poder. Os liberais, por sua vez, demonstraram estar divididos nas duas metades denunciadas por Gaitán em sua campanha: os dirigentes que tratavam de negociar uma cota de poder no Palácio Presidencial e os seus eleitores, que resistiram do jeito que podiam e até onde pudessem em torres e telhados.⁷¹

Embora García Márquez não tenha atuado no *Bogotazo* e afirme que sua tinha pouca consciência política na época, seu relato, cinquenta anos após o ocorrido, é bastante politizado. Gabriel acaba fazendo uma análise dos acontecimentos de abril, provavelmente, baseado não somente em sua experiência pessoal, mas também em suas leituras e relatos posteriores. O teor de sua narrativa é essencialmente política: faz inúmeras críticas sociais, além de denúncias que demonstravam um julgamento inspirado em suas posições políticas na atualidade. Cabe mencionar, a propósito dessa constatação, uma passagem de seu relato:

Todo sonho de mudança social de fundo pelo qual Gaitán havia morrido esfumou-se entre os escombros fumegantes da cidade. Os mortos nas ruas de Bogotá, e aqueles mortos pela

⁷¹ Idem, p. 282.

repressão oficial nos anos seguintes, devem ter sido mais de um milhão, além da miséria e do exílio de tantos outros. O sonho esfumou-se muito antes que os dirigentes liberais no alto governo começassem a perceber que tinham assumido o risco de passar à história na condição de cúmplices.⁷²

Por fim, García Marquez afirma que:

Entre as muitas testemunhas históricas de Bogotá naquele dia, havia dois que não se conheciam entre si, e que anos depois seriam dois de meus grandes amigos. Um era Luiz Cardoza y Aragón, um poeta e ensaísta político e literário da Guatemala, que assistia à Conferência Pan-americana como chanceler de seu país e chefe de sua delegação. O outro era Fidel Castro. Ambos, além disso, foram em algum momento acusados de estarem envolvidos com os distúrbios. [...]

Enquanto aqueles dois amigos eram testemunhas dos fatos que partiram em dois a história da Colômbia, meu irmão e eu sobrevivíamos nas trevas como refugiados na casa do tio Juanito. Em nenhum momento tive consciência de que já era um aprendiz de escritor que algum dia ia tentar reconstruir de memória o testemunho daqueles dias atroztes que estávamos vivendo.⁷³

Embora Gabriel García Márquez tenha deixado claro que não participara do movimento, ao comentar que ele e seu irmão sobreviveram "nas trevas como refugiados na casa do tio Juanito" (o que revela certo sentimento de culpa por ter se ausentado do cenário da violência), os distúrbios em Bogotá acabaram se tornando, para ele, uma memória de segunda mão, compartilhada com os amigos que estavam presentes na capital no dia 9 de abril. Suas lembranças e versões sobre o *Bogotazo*, acabaram contribuindo para a construção de uma imagem desse acontecimento, a partir de lembranças obscuras, relatos de

⁷² Idem, pp. 289.

⁷³ Idem, pp. 289 e 291.

terceiros e interpretações históricas sobre o episódio que foram incorporadas, não só na sua obra literária, mas também nas suas posições políticas.

Conforme visto, Fidel Castro e Gabriel García Márquez viveram experiências bem distintas durante o *Bogotazo*.

Fidel se uniu ao povo nas ruas apoiando a causa dos rebelados. Anos mais tarde, interpretou o *Bogotazo* como uma manifestação heróica, porém sem líder e sem um norte, portanto, sem possibilidade de se tornar uma revolução. Fidel viu o *Bogotazo* sob uma ótica política e revolucionária e suas recordações sobre o episódio seguem nessa direção, embora marcadas por uma certa idealização no que se refere à sua participação.

García Márquez relatou uma experiência bastante diversa. Refugiou-se, naquele momento, porque não tinha nenhuma motivação para se unir ao povo em uma revolta violenta e sem rumo. No entanto, cinquenta anos depois, interpretou o *Bogotazo* de forma politizada, quase como uma epifania do povo colombiano. Foi mais radical ainda nessa interpretação ao se referir ao conflito como um “divisor de águas” na história recente da Colômbia e chegou a afirmar que naquele momento, ou seja, 9 de abril de 1948, iniciara-se efetivamente o século XX colombiano.

3.3. O 9 de abril de 1948 como “data símbolo” da nacionalidade colombiana

Si algo há causado profunda herida, si algo se lleva a cuentas como el más terrible dolor en la historia de este siglo en Colômbia, y cuando se recuerda es para inundar la conciencia com um mar de lamentaciones o para desenterrar culpables, es el 9 de abril.⁷⁴

O mês de abril entrou para a história colombiana como o mês das “tragédias políticas”. O século XX foi marcado por violência e tensões que, muito se acirraram a partir do assassinato de Gaitán seguido de um motim urbano sem precedente em termos de violência.

Atualmente, ou seja, 69 anos após o 9 de abril de 1948, o *Bogotazo* ainda é lembrado e a data é comemorada, especialmente, na capital, Bogotá, nos meses de abril: exposições fotográficas sobre o 9 de abril de 1948 permeiam os centros culturais da cidade.

Até 2014, a nota de 1000 pesos colombianos (atualmente fora de circulação) trazia uma representação de Gaitán com a sua célebre frase: “*Yo no soy un hombre, yo soy un pueblo. El pueblo es superior a sus dirigentes.*” Nessa nota, a imagem de Gaitán em nada sugere sua atuação aguerrida na política (Figura 10).

Os autores que procuraram interpretar essa representação de Gaitán afirmam que a imagem forjou uma postura que não condiz com a figura ativa e contestadora do líder, principalmente quando se compara às representações gaitanistas do personagem, como a do cartaz de propagando política usada nas manifestações gaitanistas, em 1947 (Figura 11). No entanto, nos dois casos se trata de uma reapropriação da imagem e da memória de Gaitán.

74 ALAPE, Arturo. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway*. Entrevistas. Editora Política/ La Habana, 1984. p.4.

Figura 16. Nota de 1000 pesos colombiano.

Atualmente fora de circulação, na nota Gaitán está representado com expressão calma e acena para o povo.

Figura 17. Cartaz de propaganda política usado em manifestações gaitanistas, em 1948.

Nota-se que Gaitán está representado como símbolo de força e ação, com punho cerrado e expressão de luta.

As comemorações de datas históricas se caracterizam pela definição de um marco representativo da vitória de uma nação ou um grupo político sobre outro. Nessas ocasiões, elas são festejadas como símbolo de um novo tempo, de um recomeçar da história. No entanto, no caso do 9 de abril de 1948 colombiano, o sentido é inverso porque representou uma derrota, como procuramos mostrar. Por esse motivo ele é lembrado como um símbolo de luto.

No entanto, apesar desse significado, o episódio do assassinato, transformou um político combativo, num herói, num mito que sobrevive com o passar do tempo. Também a data comemorada na forma de luto, continua presente no imaginário social colombiano, ou seja, sobrevive para lembrar o herói assassinado.

Enfim, tanto o personagem Gaitán, como o 9 de abril de 1948 deixaram marcas profundas na memória dos colombianos. Segundo o jornalista Arturo Alape, ainda continua a busca dos culpados pelo crime com a esperança de se fazer justiça. No entanto, a única forma possível de punir os responsáveis é preservando a memória dos que foram vítimas dessa tragédia nacional.

A partir da análise desse episódio, concluímos que, numa visão de longo prazo, o estudo do *Bogotazo* é tão ou mais importante do que o acontecimento em si, porque a partir dele foram se sucedendo conflitos que se espalharam pelo país: eles foram acontecendo por motivos diferentes, produzindo formas diversas de violência, mas sempre seguindo numa linha de continuidade, os rastros da primeira demonstração de violência incontrolável e feroz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa situação tão estranha, e em pleno sol, creio ter tomado consciência de que naquele 9 de abril de 1948 o século XX tinha começado na Colômbia.⁷⁵

Em abril de 1948, a história da Colômbia passou por uma ruptura profunda. O 9 de abril representou um marco dessa divisão na história do país que passou a ser vista e escrita como "um antes e um depois" dessa data simbólica.

Através desta pesquisa que apresentamos, pudemos perceber a força política, social e imagética de Gaitán e das memórias construídas sobre o seu assassinato.

As consequências do *Bogotazo* foram violentas e duradouras. Como vimos, coube ao governo conservador de Mariano Ospina Perez reconstruir o centro da cidade e restabelecer a ordem. Porém, foram as consequências de longo prazo que tornaram esse acontecimento um fato histórico de grande relevância. Houve acirramento da violência entre 1946-1957, período que passou para a história com o epíteto de *La Violencia*, porque ocorreram inúmeras mortes em virtude de perseguições políticas.

Ao longo desses anos, foram sendo organizadas, nas províncias, juntas revolucionárias e guerrilheiras ligadas aos gaitanistas. Eles se valeram do mito Gaitán e da data símbolo como bandeiras do movimento.

Uma dessas juntas deu origem à guerrilha de Marulanda, facção liderada por Pedro Antônio Marín, apelidado de Manuel Marulanda ou Tirofijo, que em 1966, já sob um viés comunista, transformou-se em *Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia* (FARC). Também esses movimentos recorreram à memória do 9 de abril de 1948. E o mesmo se pode dizer em relação em relação a grupos guerrilheiros como o *M-19*, que realizaram operações armadas,

⁷⁵ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014. p. 295.

entre 1974 e 1990 na Colômbia e que também fizeram uso político do episódio.

76

Durante a análise do *Bogotazo*, movimento desencadeado a partir do assassinato de Gaitán, procuramos refletir sobre uma questão importante para os historiadores: a importância de um "fato" na modificação dos rumos de um processo político em curso e também como acaba se tornando peça chave para a construção de uma memória histórica constantemente reativada, de acordo com interesses de grupos diversos em momentos diversos. Com relação a este último aspecto, cabe salientar a possibilidade de recuperação da memória como "uso político do passado." Muitos historiadores têm refletido, criticamente, sobre esse uso que descaracteriza o significado da história como interpretação do passado. Interpretação essa que se fundamenta em conceitos, métodos e técnicas apropriadas para a análise de diferentes temas, objetos e fontes escolhidas pelo historiador.

Com essa preocupação, procuramos compreender: o papel do personagem, Jorge Eliécer Gaitán; a natureza do motim, *Bogotazo*; a memória que foi sendo construída sobre o líder e sua morte trágica que o elevou à condição de herói; o significado simbólico da data, 9 de abril de 1948 e o sentido de comemorações que foram e continuam sendo feitas em torno dela, que acabou sendo transformada numa data simbólica.

A partir dessas análises, procuramos mostrar a importância de um fato que até hoje continua despertando o interesse dos historiadores e especialistas de outras áreas sobre um tema, certamente instigante.

⁷⁶ Sobre o M-19, ver a dissertação VIANNA, Rodrigo de Luiz Brito. A Democracia e as armas: trajetória do grupo guerrilheiro colombiano M-19. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

O fotógrafo colombiano Sady González registrou os três dias de motin em Bogotá. As fotografias estão reunidas na obra: URIBE, Guillermo González (ed.). *El Saqueo de una ilusión: El 9 de abril 50 años después*. Bogotá: Número Ediciones, 2002.

Figura 18. Gaitán durante o programa radiofônico “Viernes culturales”, na rádio La Voz de Bogotá, no Teatro Municipal, em Bogotá. 10 de outubro de 1947. Fotografia de Sady González.⁷⁷

⁷⁷ Fonte: URIBE, Guillermo González (ed.). *El Saqueo de una ilusión: El 9 de abril 50 años después*. Bogotá: Número Ediciones, 2002. p. 27.

Figura 19. Manifestação gaitanista na Praça Bolívar, no centro de Bogotá, em 13 de abril de 1946. Dois anos antes do assassinado de Gaitán.⁷⁸

⁷⁸ Idem. p. 25.

Figura 20. Homens posam com facões e bebidas alcoólicas no centro de Bogotá, em 09 de abril de 1948.⁷⁹

⁷⁹ Idem. p. 13.

Figura 21. Sede do jornal *El Siglo* incendiada. Bogotá, 09 de abril de 1948.⁸⁰

⁸⁰ Idem. p. 42.

Figura 22. Fachada da sede do jornal El Siglo, após o incêndio.⁸¹

⁸¹ Idem. p. 129.

Figura 23. Chefes do Partido Liberal ocupam o prédio do jornal *El Tiempo*. Bogotá, 09 de abril de 1948.⁸²

⁸² Idem. p. 64.

Figura 24. Bonde incendiado no centro de Bogotá, em 09 de abril de 1948.⁸³

⁸³ Idem. p. 43.

Figura 25. Carro incendiado no centro de Bogotá, em 09 de abril de 1948.⁸⁴

⁸⁴ Idem. p. 45.

Figura 26. Durante os dias de Bogotazo, transeuntes são obrigados a andar pelas ruas de Bogotá com o braços ao alto, seguindo às ordens dos soldados do Exército.⁸⁵

⁸⁵ Idem. p. 65.

Figura 27. Vista do local exato em que Gaitán foi assassinado, em 9 de abril de 1948.⁸⁶

⁸⁶ Idem. p. 65.

Figura 28. Corpo de Gaitán na Clínica Central. Bogotá, 09 de abril de 1948.⁸⁷

⁸⁷ Idem. p. 82.

Figura 29. Sepultamento em fossa comum de Juan Roa Sierra, o suposto assassino de Gaitán, que foi linchado pela multidão.⁸⁸

⁸⁸ Idem. p. 88.

Figura 30. Vista da Plaza de San Victorino após os distúrbios do 9 de abril de 1948.⁸⁹

⁸⁹ Idem. p. 111.

Figura 31. Túmulo de Gaitán em sua residência. Gaitán foi sepultado no dia 20 de abril e atualmente o local se tornou monumento nacional.⁹⁰

⁹⁰ Idem. p. 154.

FONTES

Periódicos colombianos

El Siglo (Bogotá); *El Tiempo* (Bogotá); *La Pátria* (Manizales).

Periódicos brasileiros

Jornais *A Gazeta*; *O Estado de São Paulo*; Revista *Cruzeiro*.

Discurso de Jorge Eliécer Gaitán

“Oración por la paz”, de Jorge Eliécer Gaitán. In: VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán: Antología de su pensamiento social y económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. Pp. 135-137.

Mémórias sobre o 9 de abril de 1948

ALAPE, Arturo. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway*. Entrevistas. Habana: Editora Política La Habana. Habana, 1984.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAPE, Arturo. *El Bogotazo. Memórias del olvido: 9 de Abril de 1948*. 16 ed. Bogotá: Editora Planeta Colombiana S.A., 2004.

_____. *De los recuerdos de Fidel Castro: El Bogotazo y Hemingway. Entrevistas*. Havana: Editora Política La Habana, 1984.

AYALA DIAGO, César Augusto. *Nacionalismo y populismo*. Bogotá: Universidad Nacional, 1995.

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Paris: L`age d`Homme, 1990.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A Construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

BERMUDEZ, Alberto. *Del Bogotazo al Frente Nacional: História de la década en que cambió Colombia*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1985.

BRAUN, Herbert. *Matáron a Gaitán*. Bogotá: Distribuidora y editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A., 2008.

BUSHNELL, David. *Colombia. Una nación a pesar de si mismo*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1996.

CALLEJAS, Apolinar Diaz. *El 9 de abril 1948 en Barrancabermeja: Diez días de poder popular*. Bogotá: Editorial El Labrador, 1989.

CANCELLI, Elizabeth. *Vargas, a paixão de um suicídio: o irracional e a magia do ato*. In: Textos de História: Revista de Pós-Graduação em História da UnB. Vol.2, num.4. Brasília: UnB, 1994. p 100 – 110.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

_____; DUTRA, Eliana. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações. Contribuições a um debate interdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

_____. *Os Intérpretes das Luzes: Liberalismo e Imprensa Paulista (1920-1945)*. São Paulo: 1986.

_____. *Os Arautos do Liberalismo – Imprensa Paulista (1920- 1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino*. Imprensa e Ideologia: o jornal. O Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Alfa- Omega, 1980.

CRUZ, Yesenia P.; VALENCIA, David F. P; ARELLANO, Luis E.P.; CASTILLO, Alejandro; FUSTERO, Gustavo Arce. *Fragments de história política y cultural. Colombia siglo XIX y XX*. Popayán: Universidad del Cauca, 2011.

CARMONA, Darío Acevedo. *Política y caudillos colombianos em la caricatura editorial, 1920-1950: Estudios de los imaginários políticos partidistas*. Medellín: La Carreta Editores, Universidad Nacional de Colombia, 2009.

FERREIRA, Jorge. *O Imaginário Trabalhista: Getulismo, PTB e cultura política popular 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira. Nove Reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIRARD, Rene. *La violence et le sacré*. Paris: Hachette/France, 2011.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JORDÁN JIMÉNEZ, Ricardo. *Dos viernes trágicos: Asesinato del Doctor Jorge Eliécer Gaitán, 9 de abril de 1948; Asesinato del Presidente John F. Kennedy, 22 de noviembre de 1963*. Bogotá: Editorial Horizontes, 1968.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática. Os limites da dominação totalitária*. São Paulo: Autêntica, 2011. pp.71 a 121.

LINS, Daniel. “Memória, Esquecimento e Perdão (Per – Dom)”. In LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes e MORAES, Nilson Alves de (orgs). *Memória e Construções de Identidade. Coleção: Mestrado Memória Social e Documento*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2000.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. “A História, cativa da memória? – Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 34: 9-24. 1992.

MICELI, Sergio. *O papel político dos meios de comunicação em massa no Brasil*. v. 3, São Paulo: Textos, 1989.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em volta contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PALACIOS, Marco e SAFFORD, Frank. *Colombia. Pais fragmentado, sociedad dividida*. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

PÉCAUT, Daniel. *Orden y violência. Evolución sócio-política de Colombia entre 1930-1953*. Bogotá: Ed. Norma, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

RÈMOND, RENÉ. *Por uma historia política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

SÁNCHEZ, Gonzalo Gomez. *Los días de la Revolucion: gaitanismo y 9 de abril em província*. Bogotá: Centro Cultural Jorge Eliécer Gaitán, 1984.

_____(editor). *Grandes potencias, el 9 de abril y la violencia*. Bogotá: Planeta, 2000.

SILVA, Renán. *Republica Liberal, intelectuales y cultura popular*. Medellín: La Carreta Editores E.U, 2005.

URIBE, Guillermo González (ed.). *El Saqueo de una ilusión: El 9 de abril 50 años después*. Bogotá: Número Ediciones, 2002.

URREGO, Miguel Ángel. *Intelectuales, Estado y Nación en Colombia. De la guerra de los Mil Días a la constitución de 1991*. Bogotá: Universidad Central-DIUC, 2002.

VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán: Antologia de su pensamiento social y económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012.

ANEXOS

1. *Oración por la Paz*

“Señor Presidente Mariano Ospina Pérez

Bajo el peso de una honda emoción me dirijo a vuestra Excelencia, interpretando el querer y la voluntad de esta inmensa multitud que esconde su ardiente corazón, lacerado por tanta injusticia, bajo un silencio clamoroso, para pedir que haya paz y piedad para la patria.

En todo el día de hoy, Excelentísimo señor, la capital de Colombia ha presenciado un espectáculo que no tiene precedentes en su historia. Gentes que vinieron de todo el país, de todas las latitudes – de los llanos ardientes y de las frías altiplanicies – han llegado a congregarse en esta plaza, cuna de nuestras libertades, para expresar la irrevocable decisión de defender sus derechos. Dos horas hace que la inmensa multitud desemboca en esta plaza y no se ha escuchado sin embargo un solo grito, porque en el fondo de los corazones sólo se escucha el golpe de la emoción. Durante las grandes tempestades la fuerza subterránea es mucho más poderosa, y esta tiene el poder de imponer la paz cuando quienes están obligados a imponerla no la imponen.

Señor Presidente: Aquí no se oyen aplausos: ¡Solo se ven banderas negras que se agitan!

Señor Presidente: Vos que sois un hombre de universidad debéis comprender de lo que es capaz la disciplina de un partido, que logra contrariar las leyes de la psicología colectiva para recatar la emoción en su silencio, como el de esta inmensa muchedumbre. Bien comprendéis que un partido que logra esto, muy fácilmente podría reaccionar bajo el estímulo de la legítima defensa.

Ninguna colectividad en el mundo ha dado una demostración superior a la presente. Pero si esta manifestación sucede, es porque hay algo grave, y no por triviales razones. Hay un partido de orden capaz de realizar este acto para evitar que la sangre siga derramándose y para que las leyes se cumplan, porque ellas son la expresión de la conciencia general. No me he engañado cuando he dicho que creo en la conciencia del pueblo, porque ese concepto ha sido ratificado ampliamente en esta demostración, donde los vítores y los aplausos desaparecen para que solo se escuche el rumor emocionado de los millares de

banderas negras, que aquí se han traído para recordar a nuestros hombres villanamente asesinados.

Señor Presidente: Serenamente, tranquilamente, con la emoción que atraviesa el espíritu de los ciudadanos que llenan esta plaza, os pedimos que ejerzáis vuestro mandato, el mismo que os ha dado el pueblo, para devolver al país la tranquilidad pública. ¡Todo depende ahora de vos! Quienes anegan en sangre el territorio de la patria, cesarían en su ciega perfidia. Esos espíritus de mala intención callarían al simple imperio de vuestra voluntad.

Amamos hondamente a esta nación y no queremos que nuestra barca victoriosa tenga que navegar sobre ríos de sangre hacia el puerto de su destino inexorable.

Señor Presidente: En esta ocasión no os reclamamos tesis económicas o políticas. Apenas os pedimos que nuestra patria no transite por caminos que nos avergüencen ante propios y extraños. ¡Os pedimos hechos de paz y de civilización!

Nosotros, señor Presidente, no somos cobardes. Somos descendientes de los bravos que aniquilaron las tiranías en este suelo sagrado. ¡Somos capaces de sacrificar nuestras vidas para salvar la paz y la libertad de Colombia!

Impedid, Señor, la violencia. Queremos la defensa de la vida humana, que es lo que puede pedir un pueblo. En vez de esta fuerza ciega desatada, debemos aprovechar la capacidad de trabajo del pueblo para beneficio del progreso de Colombia.

Señor Presidente: Nuestra bandera está enlutada y esta silenciosa muchedumbre y este grito mudo de nuestros corazones solo os reclama: ¡que nos tratéis a nosotros, a nuestras madres, a nuestras esposas, a nuestros hijos y a nuestros bienes, como queráis que os traten a vos, a vuestra madre, a vuestra esposa, a vuestros hijos y a vuestros bienes!

Os decimos finalmente, Excelentísimo señor: bienaventurados los que entienden que las palabras de concordia y de paz no deben servir para ocultar sentimientos de rencor y exterminio. ¡Malaventurados los que en el gobierno ocultan tras la bondad de las palabras la impiedad para los hombres de su

pueblo, porque ellos serán señalados con el dedo de la ignominia en las páginas de la historia!”⁹¹

⁹¹ GAITÁN, Jorge Eliécer. Oración por la paz. In: VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán. Antología de su pensamiento social e económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. pp. 341-343.

2. *Oración por los humildes*

A Oración por los humildes foi um discurso pronunciado por Gaitán no Cemitério de Manizelas em frente aos túmulos de alguns de seus companheiros do Partido Liberal que haviam sofrido mortes políticas, em 1948. Gaitán realizou esse pronunciamento, no dia 15 de fevereiro de 1948, cerca de dois meses antes de seu assassinato. Sua fala é uma homenagem póstuma aos liberais assassinados e expressa sua indignação e, assim como na Oración por la paz, pede por justiça.

Segue, na íntegra, a transcrição do discurso:

“Compañeros caídos em la lucha:

Discurría vuestra existencia de seres buenos, de gente honrada y sencilla sobre las mansas aguas hacua el destino de todo humano vivir, cuando um golpe aleve de hombres malos y crueles os arrojo hacía las playas del silencio y de la muerte.

Verdad que los hombres de áni ma helada os arrancaron de nuestro lado, de nuestro brazos, de nuestras luchas; pero sólo consiguieron multiplicaros en lo íntimo de nuestro recuerdo y de nuestro afecto.

Verdad que vuestras pupilas ya no se encienden en luz de amor por vuestras madres, por vuestras novias o por vuestros hijos; hombres malos las apagaron.

Verdad que vuestraas gargantas no serían ya el alegre clarín para cantar los cantos de la democracia que vuestras huestes cantan; hombres malos las silenciaron.

Verdad que vuestros brazos y vuestros músculos no modelarán ya sobre la tierra o en el taller el crecer del fruto y la riqueza de que la pátria há manester; hombres malos lo impidieron.

Todo esto es verdade, dolorosa verdade, angustiosa verdade que golpea con golpe de ola en la noche sobre nuestro corazón atribulado. Pero es verdad a medias. La tiniebla de vuestras pupilas se há trocado en luz de estrela conductora de vuestras gentes del Pueblo.

El silencio de vuestras gargantas es ahora grito de justicia en nuestras gargantas; el desaparecido ritmo de vuestros corazones es ahora indomable raudal de energía para nuestras fiera voluntad de lucha...

Vuestros miembros inmovilizados son ahora contuplicadas fuerzas que nos empujan sin tolerar descansos y que no há de suspenderse hasta devolver a la República el caminho de la piedad, del bien, de la fraternidade que los hombres de aleve entraña le han robado. Verdad compañeros de lucha, tronchadas vidas, buenas y humildes, que os lloramos hacia dentro, y en el río interior de nuestro llanto ahogaremos las dañadas plantas que envenenaron el destino de la patria.

Compañeros de lucha: sólo há muerto algo de vosotros, porque del fondo de vuestras tumbas sale para nosotros um mandato sagrado que juramos cumplir a cabalidad. Seremos superiores a la fuerza cruel que habla su lenguaje de terror a través del iluminado acero letal. El dolor no nos detiene sino que nos empuja. Y algo profundo nos dice que al destino debemos gratitud por habernos puesto a prueba, por habernos ofrecido la sabia lección y la noble alegría de vencer obstáculos, de domeñar Dolores, de mirar en lo imposible nada más que lo atrayentemente difícil. Vuestras sombras son ahora la mejor luz de nuestra marcha.

Compañeros de lucha: os habéis reincorporado al seno de la tierra. Ahora con la desintegración de vuestras células vais a alimentar nuevas formas de vida. Vais a sumaros al cosmos infinito que desde la entraña oscura e insomne alimentan el árbol y la planta, que sirven de alegría a nuestros ojos y de pan a nuestro diário vivir. Pero algo más vais a darnos a través de vuestro recuerdo ya que la muerte en lo individual no es sino um parpadear de la vida hacia formas elevadas de lo colectivo y de su ideal.

Compañeros de lucha: al pie de vuestras tumbas juramos vengaros, restableciendo con la victoria del Pueblo los fueros de la paz y de la justicia en Colombia. Os habéis ido físicamente pero qué tremendamente vivos estáis entre nosotros.

Compañeros: vuestro silencio es grito; vuestra muerte es vida de nuestro destino final...!⁹²

⁹² GAITÁN, Jorge E. "Oración por los humildes". In: VALENCIA, Luis Emiro. *Gaitán: Antología de su pensamiento social y económico*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012. pp. 341-343.